



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III – GUARABIRA – PB

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

Linha de pesquisa

Educação do Campo

**EDUCAÇÃO E VALORIZAÇÃO DO TRABALHO AGROPECUÁRIO:
UMA PESQUISA-AÇÃO COM OS ESTUDANTES DA EEEFM JOSÉ
ROCHA SOBRINHO EM BANANEIRAS – PB**

ANA CLÁUDIA RIBEIRO DA SILVA

GUARABIRA – PB

2014

ANA CLÁUDIA RIBEIRO DA SILVA

EDUCAÇÃO E VALORIZAÇÃO DO TRABALHO AGROPECUÁRIO: UMA PESQUISA-
AÇÃO COM OS ESTUDANTES DA EEEFM JOSÉ ROCHA SOBRINHO EM
BANANEIRAS – PB

Monografia apresentada a Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas pedagógicas interdisciplinares, como pré-requisitos para obtenção do título de Especialista, sob a orientação da Professora Dr^a Luciene Vieira de Arruda.

GUARABIRA – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586e Silva, Ana Cláudia Ribeiro da
Educação e valorização do trabalho agropecuário: uma pesquisa-ação com os estudantes da EEEFM José Rocha Sobrinho em Bananeiras- PB [manuscrito] : / Ana Cláudia Ribeiro da Silva. - 2014.
81 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Profa. Dra. Luciene Vieira de Arruda, Departamento de Geografia".

1.Educação. 2. Agropecuária. 3. Homem do campo. I.
Título.

21. ed. CDD 370.1

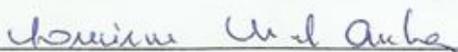
ANA CLÁUDIA RIBEIRO DA SILVA

EDUCAÇÃO E VALORIZAÇÃO DO TRABALHO AGROPECUÁRIO: UMA PESQUISA-
AÇÃO COM OS ESTUDANTES DA EEEFM JOSÉ ROCHA SOBRINHO

EM BANANEIRAS – PB

Aprovada em 14 de junho de 2014.

Monografia apresentada a Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas pedagógicas interdisciplinares, como pré-requisitos para obtenção do título de Especialista, sob a orientação da Professora Dr^a Luciene Vieira de Arruda.



Prof^a Dr^a Luciene Vieira de Arruda

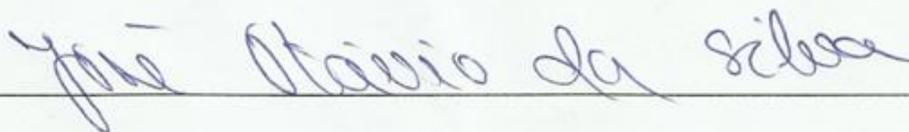
Professora do Departamento de Geo-História – CH/UEPB

(Presidente – Orientadora)



Prof^a Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira

Professora do Departamento de Educação – CH/UEPB



Prof^o Ms. José Otávio da Silva

Professor do Departamento de Educação – CH/UEPB

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa aos meus pais, Raimunda Ribeiro da Silva (*In memória*), Ricardo Idimarque Silva (Marcos de Enoque) e aos meus queridos alunos da EEEFM José Rocha Sobrinho, com muito carinho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter conseguido chegar até aqui; em seguida aos meus pais, Raimunda Ribeiro da Silva (*In memória*) e Ricardo Idimarque Silva (Marcos de Enoque), pela educação que me deram; a minha orientadora, Dr. Luciene Vieira de Arruda, por ter me orientado nesta monografia; ao seu Manuel, historiador da cidade de Bananeiras – PB, que forneceu seu material de pesquisa para que eu continuasse a redigir a minha monografia; a todos os meus familiares, em especial, aos meus irmãos, Sâmara Rachel, Sonally e Marquinhos, que sempre estão me incentivando a prosseguir nos estudos; aos gestores da EEEFM José Rocha Sobrinho, por terem permitido que eu realizasse o projeto e a pesquisa com meus alunos; aos professores e todos os funcionários, que, de forma direta ou indireta, tentaram me ajudar de alguma forma durante o projeto, dentre eles: Manuel, Antônio Periassu, Isabel, Mery e os demais que também responderam o questionário avaliativo; e, em especial, aos meus queridos alunos que participaram, acreditaram no projeto e se envolveram na pesquisa. Enfim, muito obrigada a todos, que de alguma forma me ajudou na elaboração desta pesquisa.

“Se você quer saber o que vai colher amanhã,

basta observar o que está semeando hoje”.

Autor desconhecido

RESUMO

Para boa parte da população brasileira ainda persiste a opinião de que viver e desenvolver atividades produtivas no campo está relacionado ao atraso e que residir e trabalhar em grandes cidades estão relacionados ao progresso, modernidade e evolução (MENEZES, 2008). Muitas vezes, o pequeno agricultor é taxado com um tom pejorativo que contribui para um *status* inferior desvalorizando assim o homem do campo. Para tentar mudar esta realidade, a presente pesquisa tem como objetivo valorizar a importância das atividades agropecuárias realizadas em algumas comunidades rurais do município de Bananeiras – PB, bem como o homem do campo, através da pesquisa-ação realizada pelos alunos da EEEFM José Rocha Sobrinho. A pesquisa foi elaborada a partir de uma análise qualitativa e quantitativa, oriunda de uma pesquisa-ação realizada pelos alunos do 3º Ano, turno tarde, da escola citada, localizada no município de Bananeiras, na microrregião do Brejo paraibano. Para tal, todo o trabalho foi idealizado no projeto “A agropecuária através do ensino de Geografia”, para desenvolver a capacidade criativa dos discentes, com uma pesquisa-ação em algumas comunidades rurais do município, no sentido de reforçar a valorização do homem do campo e combater alguns estereótipos que são associados a alguns alunos de origem rural da própria escola. Desta forma, com a aplicação de questionários, os alunos puderam identificar as principais características da zona rural do município de Bananeiras, em especial, um pouco da pecuária, os tipos de lavouras que são plantadas, algumas dificuldades vivenciadas pelo homem do campo e um pouco de sua vivência nessas comunidades. Os resultados coletados indicam que os participantes conseguiram se identificar com o tema abordado durante o projeto e que passaram a valorizar mais as atividades realizadas na zona rural e o homem do campo. Além de terem desenvolvido a criatividade, ao longo do desenvolvimento do projeto e a união com os colegas, que foi demonstrado a partir dos depoimentos realizados pelos próprios discentes durante a culminância. Dessa forma, conclui-se que os alunos demonstraram muita segurança sobre as informações que tinham coletado durante a pesquisa, contribuindo assim para o enriquecimento científico dos mesmos.

Palavras-chave: Agropecuária, zona rural, homem do campo e pesquisa-ação.

ABSTRATC

For much of the population still persists its view that live and develop productive activities in the field is related to the delay and that live and work in large cities are related to progress, modernity and progress (Menezes, 2008). Often, the small farmer is taxed with a pejorative tone that contributes to a lower status thus devaluing the farmer. To try to change this reality, this research aims to highlight the importance of farming activities in some rural communities in the municipality of Banana - PB, as well as the farmer, through action research conducted by students of EEEFM José Rocha Sobrinho. The survey was drawn from a qualitative and quantitative analysis, derived from an action research conducted by students of the 3rd year, afternoon shift, the said school, located in the municipality of Banana, in the microregion of Paraíba heath. To do this, all the work was conceived in the project "The agriculture by teaching Geography" to develop the creative capacity of students , with an action research in some rural communities of the municipality, to strengthen appreciation of the rural and combat some stereotypes that are associated with some students of rural origin of the school itself. Thus, with the questionnaires, students were able to identify the main characteristics of the rural municipality of Banana plants , in particular, a bit of farming, the types of crops that are planted, some difficulties experienced by man of the field and a little of their experience in these communities. Our results indicate that participants were able to identify the topic addressed during the project and began to focus more on the activities carried out in the countryside and the rural workers. Besides having developed creativity, throughout the development of the project with colleagues and the union, which was demonstrated based on the statements made by the students themselves during culmination. Thus, it is concluded that the students showed a lot of security on the information they had collected during the research, thus contributing to the scientific enrichment thereof.

Keywords: Agricultural, rural, country man and action research.

LISTA DE FOTOS

FOTO 01: Aplicação de questionários realizada pela aluna em uma das comunidades rurais do município de Bananeiras – PB	23
FOTOS 02 - 03: Teste para verificar o teor de sacarose da cana-de-açúcar, realizado pelo administrador do Engenho Goimunduba, Bananeiras – PB	30
FOTO 04: O administrador mostrando o local da moagem da cana-de-açúcar para os alunos, no Engenho Goimunduba, Bananeiras – PB	31
FOTO 05: Participantes do projeto – A agropecuária através do ensino de Geografia, no Engenho Goimunduba, Bananeiras – PB	31
FOTO 06: Lavouras de milho e macaxeira na Fazenda Haroldo Lucena, Bananeiras Bananeiras – PB	32
FOTO 07: Plantação de jerimum na Fazenda Haroldo Lucena, Bananeiras – PB	32
FOTO 08: Lavouras de alface na horta de Moacir Pimentel de Souza, Bananeiras – PB	34
FOTO 09: Lavoura de alface e coentro na horta de Moacir Pimentel de Souza, Bananeiras – PB	34
FOTO 10: Entrevistados e agricultores trabalhando nas lavouras da Horta do senhor Moacir Pimentel de Souza, Bananeiras – PB	35
FOTO 11: Agricultor João Pereira, proprietário do Sítio Vila Maia, Bananeiras – PB	37
FOTO 12: Alguns produtos agrícolas cultivados nas lavouras do Sítio Vila Maia, Bananeiras – PB	37
FOTO 13: Entrevista realizada pela aluna no Sítio São José, Bananeiras – PB	38
FOTO 14: Entrevista realizada pela aluna no Sítio Vila Maia, Bananeiras – PB	38

FOTO 15: Engenho Goiamunduba, município de Bananeiras – PB	39
FOTO 16: Alunos e agricultora entrevistada do Sítio Jardins, Bananeiras – PB	40
FOTO 17: Entrevista com o agricultor Antônio N. da Silva, no Sítio Goiamunduba, Bananeiras – PB	42
FOTO 18: Cultivo de banana (<i>Musa paradisiaca</i>) no sítio Goiamunduba, Bananeiras – PB	42
FOTOS 19 - 20: Situação das estradas para o escoamento da produção agrícola, no sítio Gamelas, Bananeiras – PB	43
FOTO 21: Algumas lavouras identificadas no Sítio Caboclo, Bananeiras – PB	46
FOTO 22: Trabalhador rural na lavoura de milho, no sítio Jaracatiá, Bananeiras – PB	47
FOTO 23: Agricultor limpando a terra para plantar um nova lavoura, no sítio Jaracatiá, Bananeiras – PB	47
FOTOS 24 - 25: Criação de gado bovino no sítio Bica do Gato, Bananeiras – PB	49
FOTO 26: Capim para o gado sendo moído na forrageira, no Sítio Bica do Gato, Bananeiras – PB	49
FOTO 27: Lavoura de coentro, no Sítio Lagoa de Matias, Bananeiras – PB	50
FOTO 28: Lavoura de macaxeira, no Sítio Lagoa de Matias, Bananeiras – PB	50
FOTO 29: Associação dos Trabalhadores Rurais do Assentamento Nossa Senhora das Graças, Bananeiras – PB	51
FOTO 30: Plantação de mandioca e milho no mesmo roçado, no Assentamento Nossa Senhora das Graças, Bananeiras – PB	51
FOTO 31: Colheita de batata realizada pelo agricultor, no Assentamento Nossa	

Senhora Aparecida, Bananeiras – PB	52
FOTO 32: Lavouras milho, no Assentamento Nossa Senhora Aparecida, Bananeiras – PB	52
FOTO 33: Entrevista com o agricultor Júlio Augusto dos Santos, no Assentamento Nossa Senhora das Graças, Bananeiras – PB	53
FOTO 34: Agricultor, Júlio Augusto dos Santos, limpando o seu roçado para o plantio, no Assentamento Nossa Senhora das Graças, Bananeiras – PB	53
FOTOS 35 - 36: Frutas e verduras vendidas na Quitanda de Vando, Bananeiras – PB	55
FOTO 37: Apresentação do grupo B, na sala de aula, EEEFM José Rocha Sobrinho, Bananeiras – PB	56
FOTO 38: Apresentação do grupo M, na sala de aula, EEEFM Jose Rocha Sobrinho, Bananeiras – PB	56
FOTOS 39 - 40: Exposição de cartazes, produtos agrícolas e comidas típicas, realizadas pelos alunos durante a culminância do projeto – A agropecuária através do ensino de Geografia, no salão da EEEFM José Rocha Sobrinho, Bananeiras – PB	57
FOTOS 41 - 42: Apresentação e depoimentos dos alunos realizados, durante a culminância do projeto – A agropecuária através do ensino de Geografia, no salão da EEEFM José Rocha Sobrinho, Bananeiras – PB	57
FOTO 43: Exposição de bezerros pela equipe da localidade Bica do Gato, representando a pecuária, no dia da culminância do projeto – A agropecuária através do ensino de Geografia, na EEEFM José Rocha Sobrinho, Bananeiras – PB	57
FOTO 44: Distribuição das comidas típicas realizadas pelas equipes durante a culminância do projeto – A agropecuária através do ensino de Geografia, na EEEFM José Rocha	

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01: Turma do 3º Ano E, F, G: alunos que residem na zona rural e urbana, no município de Bananeiras – PB	28
GRÁFICO 02: Turma do 3º Ano E, F, G: alunos que pretendem migrar da zona rural após terminar o Ensino Médio, no município de Bananeiras – PB	29
GRÁFICO 03: Turma 3º Ano E, F, G: Etapa do projeto – A agropecuária através do ensino de Geografia que os alunos mais gostaram. Bananeiras – PB	60
GRÁFICO 04: Turma 3º Ano E, F, G: Etapa do projeto – A agropecuária através do ensino de Geografia – que os alunos mais sentiram dificuldade. Bananeiras – PB	63

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01: Localidades pesquisadas a partir do projeto – A agropecuária através do ensino de Geografia, no município de Bananeiras – PB	22
QUADRO 02: Principais características de algumas lavouras do sítio Barreiras, no município de Bananeiras – PB	45

LISTA DE TABELAS

TABELA 01: Valor de custo e venda de alguns dos produtos cultivados na Fazenda Haroldo Lucena, no município de Bananeiras – PB	33
--	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 REFERENCIAL TEÓRICO	16
3 MATERIAIS E MÉTODOS	20
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	25
4.1 CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE BANANEIRAS – PB E DA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO JOSÉ ROCHA SOBRINHO	25
4.2 PROJETO – A AGROPECUÁRIA ATRAVÉS DO ENSINO DE GEOGRAFIA A PARTIR DA PESQUISA-AÇÃO	28
4.2.1 Levantamento das localidades pesquisadas pelos alunos, no município de Bananeiras – PB	31
4.2.2 Apresentação dos resultados dos trabalhos pelas equipes	55
4.3 OPINIÃO DOS ALUNOS SOBRE O PROJETO E/OU A PESQUISA-AÇÃO	59
4.4 OPINIÃO E/OU AVALIAÇÃO DOS PROFESSORES COM RELAÇÃO AO PROJETO	65
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS	70

1 INTRODUÇÃO

Para boa parte da população brasileira ainda persiste a opinião de que viver e desenvolver atividades produtivas no campo está relacionado ao atraso e que residir e trabalhar em grandes cidades estão relacionados ao progresso, modernidade e evolução (MENEZES, 2008). A esse respeito, Brito (2007, p. 01), ao analisar as migrações internas no Brasil, chama atenção para as ideias de Duharm (1984) para a importância da migração como a única alternativa para a mobilidade social dos que residem nas regiões agrícolas tradicionais.

A ideia que abrange o imaginário de algumas pessoas é de que, nas grandes cidades, as pessoas têm maior facilidade em conseguir um emprego, permitindo assim uma melhor qualidade de vida. Isso acaba acarretando a migração do homem do campo para a cidade, ou seja, o êxodo rural, que também contribuiu e/ou contribui para o processo de urbanização no Brasil. Déak e Schiffer (2004) afirmam que, a partir dos meados do século passado:

O Brasil, um país predominantemente agrário, transformou-se em um país virtualmente urbano. Em 1950, tinha uma população de 33 milhões de camponeses – em crescimento –, com 19 milhões de habitantes nas cidades, ao passo que hoje a mesma população no ‘campo’ – agora diminuindo – e a população urbana sextuplicou para mais de 12 milhões. (DÉAK E SCHIFFER, 2004, p. 11)

Porém, muitas vezes, o pequeno agricultor é taxado como jeca, matuto, caipira, ou seja, em um tom pejorativo que contribui para um *status* inferior, de cidadão de segunda categoria, situação esta que favoreceu para a desvalorização, por muito tempo, do homem do campo em nosso país.

A sociedade brasileira sempre viu o ambiente rural como a fonte de problemas – desenraizamento, miséria, isolamento, currais eleitorais (WANDERLEY, 2001, p. 31), o que possibilitou, por muito tempo, a desvalorização do homem do campo. Por isso, para boa parte da população brasileira, ainda persiste a opinião de que viver e desenvolver atividades produtivas no campo está relacionado ao atraso e que residir e trabalhar em grandes cidades estão relacionados ao progresso, fato que também contribuiu para que boa parcela da população rural brasileira migrasse para a zona urbana, possibilitando assim o processo de urbanização no país.

Esse fenômeno não difere da realidade vivenciada por alguns alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Rocha Sobrinho, localizada no município de Bananeiras – PB, especialmente a maioria dos alunos do turno da tarde que, muitas vezes, sofre algum tipo de preconceito por residir na zona rural. Dos 856 alunos que frequentam a escola, 43% residem na zona urbana, o que corresponde a 367 discentes, enquanto que 57% moram na zona rural, o que caracteriza a realidade também do município de Bananeiras – PB, onde a maioria reside no campo (Pesquisa *in loco*, agosto de 2013).

Além disso, percebe-se que no cotidiano da escola citada, alguns professores realizam um pré-julgamento da capacidade intelectual e cognitiva dos alunos que residem na zona rural, uma vez que desconhecem suas reais capacidades, por não terem um conhecimento mais aprofundado das atividades do campo e sua importância para a sociedade. Boa parte destes alunos, em alguns momentos, também acaba sofrendo algum tipo de preconceito pelos alunos da zona urbana, sendo muitas vezes não valorizados pela residência e atividades econômicas que realizam no ambiente rural.

Nesta perspectiva, dos 65 alunos das turmas do 3º Ano (Ensino Médio), turno tarde, 38 alunos residem na zona rural, o que corresponde a 58%. Destes, apenas 34% pretendem permanecer na zona rural após terminar o Ensino Médio, o que equivale a 13 alunos, enquanto que os demais (66%) pretendem migrar para a zona urbana, contribuindo assim para o êxodo rural e, conseqüentemente, o processo de urbanização do Brasil. Este fato é justificado pelos alunos em função de quererem um emprego ou mudar de vida, algo que só é possibilitado em grandes cidades, como São Paulo e/ou Rio de Janeiro (Pesquisa *in loco*, agosto de 2013).

Nesse contexto, a presente pesquisa visa, através da metodologia de projetos e a partir de uma análise qualitativa e quantitativa, oriunda de uma pesquisa-ação realizada pelos alunos do 3º Ano, turno tarde, da EEEFM José Rocha Sobrinho, através do projeto “A agropecuária através do ensino de Geografia”, apresentar as principais características das atividades agropecuárias que são desenvolvidas em algumas comunidades rurais do município de Bananeiras – PB, localizado na microrregião do Brejo paraibano, na mesorregião do Agreste do estado da Paraíba. O objetivo é levar em consideração a valorização do homem do campo e combater alguns estereótipos que são dados a alguns desses alunos.

Pretende-se ainda desenvolver habilidades e aumentar a autoestima e valorização dos alunos que residem na zona rural, para que os mesmos possam, através da aplicação de

questionários e pesquisa de campo, caracterizar as principais comunidades rurais e a importância do homem do campo para a sociedade.

Portanto, a pesquisa tem como objetivo valorizar a importância das atividades agropecuárias realizadas em algumas comunidades rurais do município de Bananeiras – PB, bem como o homem do campo, através da pesquisa-ação realizada pelos alunos da EEEFM José Rocha Sobrinho.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Conforme Taunay (1839) apud Sachs (2001), entre todas as regiões do globo, talvez a mais apropriada à agricultura seja o Brasil, uma vez que na sua vasta extensão acham-se climas, terrenos e exposições de quantas qualidades é possível imaginar, de tão fecundo e variados em produções, ameno em aspectos e áreas, tão regado de águas, revestido de matas, que os primeiros descobridores não duvidaram em avançar.

Sachs (2001) afirma que, apesar de o Brasil possuir ainda hoje a mais extensa fronteira agrícola do mundo, o país também conseguiu três façanhas: promover uma agricultura moderna de grãos nas frentes pioneiras do oeste brasileiro, que prescinde quase inteiramente de mão-de-obra; realizar uma colonização socialmente capenga e ambientalmente predatória; e jogar milhões de refugiados do campo nas favelas, engrossando o exército de boias-frias e deixando centenas de milhares de famílias sem terra e sem perspectiva de urbanização efetiva.

A sociedade brasileira, segundo Wanderley (2001, p. 31), sempre viu o ambiente rural como a fonte de problemas – desenraizamento, miséria, isolamento, currais eleitorais, o que acarretou, por muito tempo, para a desvalorização do homem do campo. Ainda de acordo com autor, começam a surgir indícios que percebe o meio rural como portador de “soluções”:

Esta percepção positiva crescente, real ou imaginária, encontra no meio rural alternativas para o problema do emprego (reivindicação pela terra, inclusive dos que dela haviam sido expulsos), para a melhoria da qualidade de vida, através de contatos mais diretos e intensos com a natureza, de forma intermitente (turismo rural) ou permanente (residência rural) e através do aprofundamento de relações sociais mais pessoais, tidas como predominantes entre os habitantes do campo. A ruralidade, o desenvolvimento rural, o desenvolvimento local no Brasil moderno são hoje temas em debate na comunidade acadêmica, entre militantes de movimentos e organizações sociais e entre responsáveis pelas políticas públicas voltadas para a agricultura e o meio rural. (WANDERLEY, 2001, p. 31)

Ao explicar sobre os principais aspectos do ambiente rural, bem como o seu desenvolvimento, Kageyama (2004) destacou que:

A discussão sobre a definição de rural é praticamente inesgotável, mas parece haver um certo consenso sobre os seguintes pontos: a) rural não é sinônimo de agrícola e nem tem exclusividade sobre este; b) o rural é mulissetorial (pluriatividade) e multifuncional (funções produtivas, ambiental, ecológica, social); c) as áreas rurais têm densidade populacional relativamente baixa; d) não há um isolamento absoluto entre os espaços rurais e as áreas urbanas. Redes mercantis, sociais e institucionais se estabelecem entre o rural e as cidades e vilas adjacentes. (KAGEYAMA, 2004, p. 3)

Conforme Sachs (2001), o principal obstáculo das sociedades rurais é a descrença das elites políticas brasileiras, inclusive de uma parcela das forças de esquerdas, na viabilidade econômica da agricultura familiar e na capacidade dessa parcela da população. Sachs (2001) ainda destaca que o futuro econômico do campo pertence exclusivamente à grande agricultura moderna, que vem expandindo as frentes pioneiras do oeste até invadir a Amazônia, para conquistar os mercados externos com a soja brasileira. Como se trata de uma agricultura basicamente sem homens, tal atividade provoca um intenso êxodo rural.

Outro fato que contribui para a migração do homem do campo para as cidades é a ideia de que viver e desenvolver atividades ligadas ao ambiente rural está relacionada ao atraso e que trabalhar em grandes cidades está relacionado ao progresso. Segundo Brito (2007, pág. 10), “no caso brasileiro, a migração é uma tradição, faz parte do ‘equipamento cultural tradicional’. Se o indivíduo quer melhorar de vida, não resta outra alternativa, a não ser migrar para as cidades, particularmente, as grandes”.

Brito (2007, p. 12) destaca que o processo de urbanização no Brasil se acelerou e assumiu dimensão realmente estrutural na segunda metade do século XX, mas foi na década de sessenta que a população urbana superou a rural. O autor ainda ressalta que esse acelerado processo de urbanização era parte das profundas transformações estruturais pelas quais passavam a sociedade e a economia brasileira, pois era o Brasil moderno, urbano-industrial que se sobrepunha ao Brasil agrícola-tradicional, gerando um desenvolvimento econômico e modernização social, com fortes desequilíbrios regionais e agudos desequilíbrios sociais. O autor ainda enfatiza que:

Essas particularidades da economia e da sociedade brasileiras serviram de pano de fundo para o fantástico movimento migratório da população. Somente entre 1960 e o final dos anos oitenta, estima-se que saíram do campo em direção às cidades quase 43 milhões de pessoas, inclusive os efeitos indiretos nas respectivas décadas. Um deslocamento populacional gigantesco, num breve espaço de tempo, o que bem qualifica a causa fundamental do acelerado processo de urbanização pelo qual passava a sociedade brasileira. (BRITO, 2007, p. 12)

Santos (2008), em uma de suas análises sobre as causas e o processo de urbanização no Brasil, afirma que:

A urbanização brasileira tornou-se praticamente generalizada a partir do terceiro terço do século XX [...]. A urbanização se avoluma e a residência dos trabalhadores agrícolas é cada vez mais urbana. Mais que a separação tradicional entre um Brasil urbano (incluindo áreas agrícolas) e um Brasil agrícola (incluindo áreas urbanas). No primeiro, os anexos essenciais devem-se, sobretudo, a atividades de relação complexas e, no segundo, a atividades mais diretamente produtivas. (SANTOS, 2008, p. 6)

Esse fenômeno não difere da realidade vivenciada por alguns alunos da EEEFM José Rocha Sobrinho, localizada no município de Bananeiras – PB, especialmente àqueles que residem na zona rural. Isto porque a maioria acaba migrando para as grandes cidades do país, como Rio de Janeiro ou São Paulo em busca de empregos, que muitas vezes não encontram na sua localidade de origem.

Com o intuito de valorizar o homem do campo e o espaço em que vive, onde reside a maioria dos alunos da escola – objeto de pesquisa, é que foi desenvolvida uma pesquisa ação, resultado de um projeto para levar o aluno a caracterizar a zona rural, a partir da perspectiva da Educação do Campo, que luta contra o preconceito que muitos trabalhadores rurais sofrem pela população que reside na zona urbana. Baseado nesta perspectiva (Caldart, 2012) afirma que:

A Educação do campo é negatividade: denúncia/resistência, luta contra. Basta de considerar natural que os sujeitos trabalhadores do campo sejam tratados como inferiores, atrasados, pessoas de segunda categoria; que a situação seja seu destino; que no campo não tenha escola, que seja preciso sair do campo para frequentar uma escola; que o acesso à educação se restrinja à escola, que o conhecimento produzido pelos camponeses seja desprezado como ignorância [...]. (CALDART, 2012, p. 17)

Para mudar esta ideia, a aplicação de métodos como projetos torna-se necessário nas aulas de Geografia, uma vez que é através deles que os alunos compreendem a disciplina como algo que faz parte de seu cotidiano e possa mudar a realidade em que vivem. Filizola (2009) afirma que:

Conceber que a Geografia Escolar estuda o espaço geográfico é também assumir um estudo que se fundamenta em abordagens mais avançadas, que proporcione aos educandos se apropriarem de um instrumental que de fato lhes seja útil. Não se trata de atribuir ao seu ensino um caráter utilitário, como se seus saberes fossem consumíveis. Ao contrário, esses saberes devem possibilitar que as crianças e jovens formem raciocínios geográficos e desenvolvam a consciência espacial. (FILIZOLA, 2009, p. 23)

Com relação à importância da aplicação de projetos na educação, Machado (2004), afirma que:

Projetos e valores constituem os ingredientes fundamentais da ideia de Educação. Deriva do latim – *educativo*, do verbo *educare* (instruir, fazer crescer, criar), próximo de *educere* (conduzir, levar até determinado fim) -, a palavra educação sempre teve sem significado associado à ação de conduzir a finalidades socialmente prefiguradas, o que pressupõe a existência e a partilha de projetos coletivos. Por outro lado, o combustível essencial para o desenvolvimento da personalidade de cada ser humano não é senão o espectro de projetos que busca desenvolver ao longo da vida, e que vai constituir, recorrendo aos conceitos de MARIAS (1988), as ‘trajetórias vitais’ características de cada pessoa. (MACHADO, 2004, p. 20)

Nesta perspectiva, a aplicação de projetos também pode ser desenvolvida a partir da ótica da pesquisa-ação, a qual, segundo Pimenta (2005, p. 523), tem como pressuposto que os sujeitos que nela se envolvem compõem um grupo com objetivos e metas comuns, interessados em um problema que emerge num dado contexto no qual atuam desempenhando papéis diversos, como pesquisadores. Assim como aponta Thiollent (1997, p. 14) apud Terence e Escrivão Filho (2006), que define a pesquisa-ação como um tipo de investigação social com base empírica, que consiste em relacionar pesquisa e ação em um processo no qual os atores e pesquisadores se envolvem com o intuito de buscar soluções em situação real.

Em uma de suas análises sobre a pesquisa-ação, Engel (2000) destaca que a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa participante engajada, diferente da pesquisa tradicional, que é considerada como “independente”, ou seja, procura desenvolver o conhecimento e a compreensão como parte prática e é, portanto, uma maneira de fazer pesquisa em situações em que também se é uma pessoa prática e que deseja melhorar a compreensão desta. O autor ainda afirma que:

A pesquisa-ação surgiu da necessidade de superar a lacuna entre teoria e prática. Uma das características deste tipo de pesquisa é que através dela se procura intervir na prática de modo inovador já no decorrer do próprio processo de pesquisa e não apenas como possível consequência de uma recomendação na etapa final do projeto. (ENGEL, 2000, p. 182)

Segundo Engel (2000, p. 182), além de sua aplicação em outras áreas de conhecimento, a pesquisa-ação é atualmente aplicada na área do ensino. Nela, desenvolveu-se como resposta às necessidades de implementação da teoria educacional na prática da sala de aula. O autor ainda destaca que:

Antes disso, a teoria e a prática não eram percebidas como partes integrantes da vida profissional de um professor, e a pesquisa-ação começou a ser implementada com a intenção de ajudar aos professores na solução de seus problemas em sala de aula, envolvendo-os na pesquisa. [...] Além disso, a pesquisa-ação em sala de aula também se revelou como um instrumento eficiente para o desenvolvimento profissional do professor. (ENGEL, 2000, p. 182-183)

3 MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa se deu a partir de uma análise qualitativa e quantitativa. A análise qualitativa na descrição de situações, eventos, pessoas e comportamentos observados durante o desenvolvimento da pesquisa. Segundo Chizzotti (2003):

O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível e, após este tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto, zelosamente escrito, com perspicácia e competência científicas, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa. CHIZZOTTI (2003, p. 2).

Já a análise quantitativa, de acordo com Rodrigues (2007, p. 5), traduz em números as opiniões e informações para serem classificadas e analisadas, além de utilizarem técnicas estatísticas. Nessa pesquisa, a qualificação dos dados ocorreu a partir de questionários aplicados nas comunidades rurais, através da pesquisa-ação, que foi desenvolvida pelos próprios alunos sobre a temática: A agropecuária através do ensino de Geografia, título do projeto elaborado com os alunos do 3º Ano E, F e G, turno tarde, que desenvolveram uma pesquisa de campo, a partir de informações coletadas nas comunidades rurais do município de Bananeiras – PB (Sítio Lagoa de Matias, Assentamento Nossa Senhora das Graças, Sítio Jatobá, Sítio Jardim, Sítio Farias, Distrito do Tabuleiro, Sítio Jaracatiá, Sítio Caboclo, Sítio Barreiras, Distrito de Roma, Distrito de Vila Maia, Goiamunduba, entre outros).

Os alunos pesquisadores deveriam observar os diferentes tipos de lavouras que são produzidas nas suas localidades e o destino final, além de destacar as dificuldades vividas pelos agricultores, bem como a importância do homem do campo para a sociedade em que vive.

A aplicação do projeto passou por várias etapas, iniciando com a apresentação do projeto em sala de aula, a divisão das equipes, exposição de conteúdos relacionados ao tema, aplicação de questionários nas localidades rurais, pesquisa de campo realizada pelos próprios alunos, elaboração do relatório, visita ao Engenho Goiamunduba, apresentação dos resultados em sala de aula, culminância e aplicação do questionário avaliativo sobre o projeto.

Para incentivar a pesquisa nas aulas de Geografia, o projeto – A agropecuária através do ensino de Geografia – contou com a participação de 56 alunos do turno tarde, sendo 25 da turma do 3º Ano “E”, 22 alunos da turma do 3º “F” e 9 da turma do 3º “G”, o qual foi desenvolvido durante os meses de agosto e setembro de 2013.

Para o desenvolvimento do projeto, partiu-se das seguintes etapas: apresentação do projeto em sala de aula, abordagem dos conteúdos para os alunos, divisão das equipes de acordo com a localidade que residem, aplicação dos questionários nas áreas de pesquisa, elaboração e correção do relatório, visita ao Engenho Goiãmunduba, apresentação da pesquisa em sala, culminância do projeto e aplicação do questionário avaliativo sobre a opinião dos alunos com relação à importância do projeto.

A partir da apresentação de alguns conteúdos, como: Sistemas agrários no mundo, Agropecuária no Brasil e Estrutura Fundiária do Brasil, os alunos tiveram que pesquisar a localidade que residem, através da aplicação de um questionário, coleta de informações das atividades realizadas nas comunidades rurais.

A primeira atividade foi desenvolvida a partir da aplicação de um questionário nas turmas do 3º ano E, F e G, visando verificar os lugares que moravam, as opiniões dos alunos com relação ao homem do campo e suas perspectivas com relação ao lugar que residem, principalmente os alunos da zona rural, para, em seguida, mostrar os objetivos pretendidos com o projeto que seria desenvolvido nessas turmas.

Desta forma, foi apresentado para os alunos das turmas do 3º “E, F e G”, turno tarde, o objetivo do projeto “A agropecuária através do ensino de Geografia”, com sua respectiva justificativa, para que os alunos tivessem noção da importância dos temas que seriam expostos em sala de aula, bem como dos objetivos que deveriam ser alcançados ao término do projeto. Para isso, também foram apresentados os procedimentos metodológicos e o cronograma de execução, para que tivessem noção das etapas que os mesmos deveriam seguir. Além da exposição de conteúdos como: A agropecuária do mundo, através de aulas explicativas e expositivas, para que os alunos tivessem o conhecimento teórico sobre o tema. O conteúdo abordava a importância das atividades primárias no mundo, o surgimento da agricultura, as causas e consequências da fome no mundo e os principais produtos agropecuários no Brasil.

Diante do exposto, os alunos foram divididos em equipes, de acordo com as localidades que residiam, ou seja, os que moravam na zona urbana, juntaram-se para pesquisar algumas quitandas localizadas na cidade, já os alunos da zona rural, tiveram que pesquisar as atividades agrícolas e/ou pecuárias existentes nos sítios ou distritos do município de Bananeiras – PB.

Os lugares pesquisados pelos alunos foram: Fazenda Haroldo Lucena, Horta de Moacir Pimentel de Souza, Sítio São José, Engenho Goiamunduba, Sítio Jatobá, Sítio Farias e Jardins, Sítio Gamelas e Goiamunduba, Sítio Barreiras, Sítio Caboclo, Sítio Jaracatiá, Sítio Chã de Porteira, Sítio Bica do Gato, Sítio Lagoa de Matias, Assentamento Nossa Senhora das Graças e Quitandas e/ou Sacolões, todos localizados no município de Bananeiras – PB Desta forma, para preservar a identidade dos alunos, designamos Grupo A até a letra O para identificar as equipes envolvidas na pesquisa-ação e as localidades pesquisadas durante o projeto (QUADRO 01).

QUADRO 01: Localidades pesquisadas no município de Bananeiras – PB a partir do projeto – A agropecuária através do ensino de Geografia

Nº	EQUIPE	Nº DE ALUNOS	LOCALIDADES	TURMA
01	Grupo A	1	Fazenda Haroldo Lucena, no Distrito de Roma	3º E
02	Grupo B	4	Horta de Moacir Pimentel de Souza	3º E
03	Grupo C	4	Sítio São José	3º E
04	Grupo D	2	Engenho Goiamunduba	3º E
05	Grupo E	8	Sítio Farias e Sítio Jardins	3º E
06	Grupo F	6	Sítio Gamelas e Goiamunduba	3º E
07	Grupo G	2	Sítio Barreiras	3º F
08	Grupo H	2	Sítio Caboclo	3º F
09	Grupo I	2	Sítio Jaracatiá	3º F
10	Grupo J	2	Sítio Chã de Porteira	3º F
11	Grupo L	5	Sítio Bica do Gato	3º F
12	Grupo M	4	Sítio Lagoa de Matias	3º G
13	Grupo N	5	Assentamento Nossa Senhora das Graças	3º G
14	Grupo O	9	Quitandas de Bananeiras – PB	3º F

Fonte: Pesquisa *in loco* (Agosto de 2013).

No desenvolvimento do projeto, os alunos receberam um questionário para aplicar com os proprietários ou produtores das lavouras, com objetivo de saber quais tipos de culturas são plantadas, suas principais características e quais dificuldades os mesmos enfrentam ou têm enfrentado nos últimos anos por causa da seca ou qualquer outro motivo. Este questionário foi aplicado pelos alunos entre o período de 09 a 13 de agosto de acordo com cada localidade que residiam.



FOTO: Pesquisa *in loco* (Agosto de 2013).

FOTO 01: Aplicação de questionários realizada pela aluna em uma das comunidades rurais do município de Bananeiras – PB

Através de aulas explicativas ou expositivas e com a utilização de slides, foi apresentado, em sala de aula, o conteúdo Sistemas Agrários para que os alunos tivessem noção sobre os tipos de agriculturas existentes no mundo e suas respectivas características, como: agricultura itinerante, sistema *plantation*, agricultura de jardinagem, agricultura moderna, entre outras.

Após aplicarem os questionários nas comunidades, os mesmos foram orientados a elaborarem o relatório com as informações que foram coletadas durante a pesquisa e, em seguida, foi explicado para os alunos o conteúdo: A estrutura fundiária do Brasil, visando mostrar a atual situação na divisão de terras no nosso país e suas causas e consequências para o camponês.

Com o objetivo de conhecer o processo o cultivo da cana-de-açúcar e a fabricação da cachaça Rainha, que é motivo de orgulho para a população da região, uma vez que é produzida desde 1877, visitamos o Engenho Goiamunduba, localizado no sítio de mesma denominação, no município de Bananeiras – PB. A visita contou com a participação dos alunos do 3º “E, F e G” e também do professor de Matemática, Antônio Periassu de Oliveira, que nos acompanhou durante a aula de campo. Na localidade, os alunos tiveram a oportunidade de conhecer o processo de produção da cachaça Rainha, que foi explicado pelo administrador do Engenho e Técnico Agrícola, o Srº Hélio R. Silva Rodrigues. Após essa etapa, os alunos tiveram que produzir um texto ou fazer um depoimento sobre o que aprenderam na aula de campo. Depois disso, os alunos partiram para as apresentações em sala de aula sobre as comunidades rurais pesquisadas, mostrando assim suas principais características econômicas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo faz um resumo da história do município de Bananeiras – PB, bem como das principais características da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Rocha Sobrinho, para reconhecimento da localidade em que os alunos que participaram da pesquisa-ação fazem parte.

Desta forma, o capítulo é dividido em subcapítulos, com o intuito de expor os principais itens pesquisados pelos alunos nas comunidades, a partir de seus relatos de pesquisa, a apresentação das equipes em sala de aula, opiniões dos alunos e de alguns professores sobre a temática abordada durante o projeto.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE BANANEIRAS – PB E DA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO JOSÉ ROCHA SOBRINHO

O município de Bananeiras está localizado na microrregião do Brejo paraibano, que pertence à mesorregião do Agreste do estado da Paraíba. Distante 141 km de João Pessoa – capital paraibana, limita-se ao norte com Dona Inês e Campo de Santana, ao Sul com Borborema e Píripituba, ao leste com Belém e ao Oeste com Solânea. Com uma área de 257,931 km², apresenta as seguintes coordenadas: 6°39'6" latitude Sul e 38°6'30" longitude Oeste (CPRM, 2005).

Segundo o IBGE (2010), Bananeiras é composto por 21.851 habitantes, sendo 13.183 residentes da zona rural e 8.668 residentes da zona urbana. Porém, segundo a estimativa do IBGE (2013), é de 22.012 habitantes e uma densidade demográfica de 84,72 hab/km².

Dados do CPRM (2005, p. 5) atestam que o município de Bananeiras está inserido na unidade geoambiental do Planalto da Borborema, constituída por maciços e outeiros altos, com altitudes acima de 500 metros. A hidrografia do município é formada pela bacia do Curimataú, que é constituído pelos tributários: Curimataú Dantas, Picadas e riachos Sombrio e Carubeba, os quais formam um regime intermitente e padrão de drenagem dendrítico. O

clima é tropical chuvoso, com verão seco (CPRM, 2005, p. 5). Já com relação aos solos, pode-se destacar que:

Nas superfícies suave onduladas a onduladas, ocorrem os Planossolos, medianamente profundos, fortemente drenados, ácidos a moderadamente ácidos e fertilidade natural média e ainda os Podzólicos, que são profundos, textura argilosa, e fertilidade natural média a alta. Nas elevações ocorrem os solos Litólicos, rasos, textura argilosa e fertilidade natural média alta. Nos vales dos rios e riachos, ocorrem os Planossolos, medianamente profundos, imperfeitamente drenados, textura média/argilosa, moderadamente ácidos, fertilidade alta e problemas de sais. Ocorrem ainda Afloramento de rochas. (CPRM, 2005, p. 4).

A colonização do território de Bananeiras teve início entre a segunda ou terceira década do século XVI, a partir da ocupação realizada por Domingos Vieira e Zacarias de Melo, moradores do município de Mamanguape, que foram concedidos sesmarias em 1716. Na região existia um imenso bananal selvagem, chamada Pacoveira, cujos frutos eram imprestáveis à alimentação humana. Por isso a denominação do povoado de Bananeiras, em homenagem a existência de espécie diferenciada (SILVA, 2007, p. 12).

A criação de Bananeiras ocorreu em virtude de vários interesses, principalmente pelas diversas lutas entre os indígenas Tapuias e os colonizadores, de maneira que até 1721, a comunidade não passava de uma pequena aldeia à margem de uma lagoa e de seus nativos e donatários (SILVA, 2007, p. 14).

De pequeno povoado, Bananeiras passou para Vila de Bananeiras em 10 de outubro de 1833 a partir do Decreto sancionado em 13 de outubro do mesmo ano, pelo Conselho da Província. Após 34 anos, em outubro de 1857, foi elevada à categoria de Comarca, sendo jurisdição também sobre os atuais municípios de Araruna e Serraria. Porém, tornou-se Foro e Sede de Município em 16 de outubro de 1879 (SILVA, 2007, p. 20).

De acordo com relatos da professora Maria Helena Rodrigues de Lima (1987), a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Rocha Sobrinho foi criada pelo Decreto nº 2946, de 30 de novembro de 1962, no governo de Dr. Pedro Moreno Gondin, o que construiu o antigo Ginásio Estadual de Bananeiras – PB. O projeto para a criação do educandário foi de autoria de então Presidente da Assembleia Legislativa do Estado, Dr. Clovis Bezerra Cavalcanti e foi inaugurado no dia 10 de dezembro de 1963.

A princípio a escola foi instalada na Rua Pedro de Almeida, era denominada Educandário e o primeiro diretor foi Dr. Simeão Fernandes Cananeia. Funcionou com o curso

ginasial até o ano 1969, quando foi criado o curso científico, passando a ser denominado Colégio Estadual José Rocha Sobrinho, em uma homenagem ao inesquecível bananeirense, falecido em 1976, que dedicou parte de sua vida à comunidade de Bananeiras – PB. Depois de alguns anos, a escola passou a denominar-se Escola Estadual de 1º e 2º Grau e, por último, Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Rocha Sobrinho.

Constituída por 52 professores e 30 funcionários, a escola é atualmente administrada pelos Gestores José Jorge Costa, Jorge Mariano Salustiano de Albuquerque e Ivaneide Maria dos Santos Pereira, e está localizada na rua Avenida Pedro Gondin, no Conjunto Major Augusto Bezerra, desde a sua inauguração do prédio, em 2005, construído na administração do ex-Governador Cássio Cunha Lima.

A estrutura física da escola é formada por 21 salas de aula, 1 laboratório do curso Técnico em Bar e Restaurante, 1 laboratório de informática, que inclusive está desativado, 1 laboratório para as aulas de Física e Química, 1 sala de professores, 1 sala do SOE (Serviço de Atendimento ao Estudante), 1 sala de rádio escolar, 1 sala para coordenação (apesar da escola não dispor de coordenador(a)), 1 sala para direção, 1 secretaria, 1 depósito, 1 cozinha, 1 salão, 1 biblioteca, 1 sala de vídeo, 1 sala de arquivos, 2 banheiros para os professores, 8 banheiros para os alunos e 1 para funcionários.

Desde o ano 2012 que, nos turnos da manhã e tarde, a escola funciona apenas com o Ensino Médio, que está distribuído em curso Científico, Curso Técnico em Turismo e Hotelaria, Curso Técnico em Bar e Restaurantes, Educação de Jovens e Adultos e o Projoven Urbano.

De acordo com o Censo Escolar (2013), a escola é formada por 968 alunos, sendo que dos 856 que frequentam a escola, 683 estudam em turmas do Ensino Médio regular e técnico (Curso Técnico em Turismo e Hotelaria e Curso Técnico em Bar e Restaurantes), ou seja, nos turnos manhã e tarde, 173 fazem parte do turno da noite, que se distribuem em turmas do Ensino Médio regular, EJA (Educação de Jovens e Adultos) e do fundamental – o Pro-Jovem Urbano.

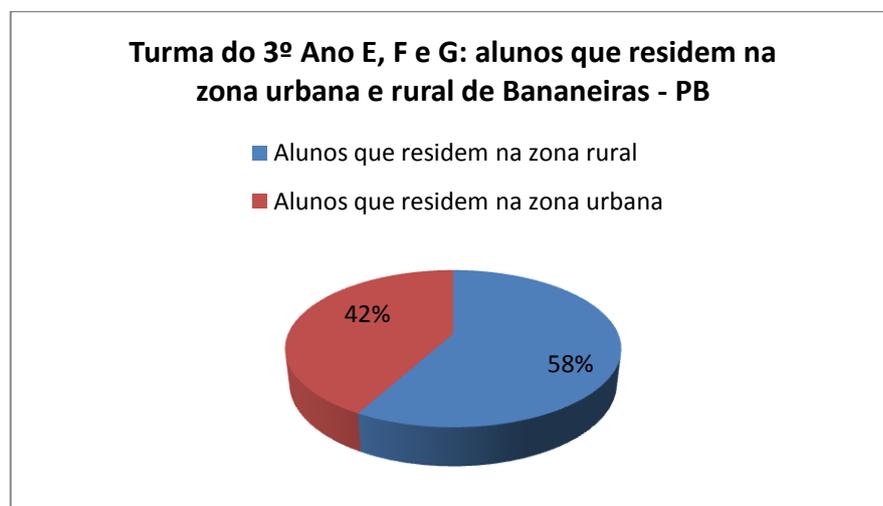
Dos 856 alunos que frequentam a escola, 43% residem na zona urbana, o que corresponde a 367 discentes, enquanto que 57% moram na zona rural, correspondendo a 489 alunos, o que caracteriza a realidade também do município de Bananeiras – PB, onde a maioria reside no campo.

4. 2 PROJETO – A AGROPECUÁRIA ATRAVÉS DO ENSINO DE GEOGRAFIA A PARTIR DA PESQUISA-AÇÃO

Para incentivar a pesquisa nas aulas de Geografia, foi desenvolvido o projeto – A agropecuária através do ensino de geografia – com os alunos do 3º Ano E, F e G, do turno tarde, com o intuito de apresentar alguns conteúdos, como: A agropecuária do Brasil, Estrutura Fundiária do Brasil e Sistemas Agrários, levando em consideração a realidade das comunidades rurais do município de Bananeiras – PB, o qual foi realizado entre os meses de agosto e setembro de 2013.

O projeto contou com a participação de 56 alunos do turno tarde, sendo 25 da turma do 3º Ano “E”, 22 alunos da turma do 3º “F” e 9 da turma do 3º “G”, desenvolvido durante os meses de agosto e setembro de 2013. No entanto, antes do projeto ser desenvolvido, os alunos das turmas citadas, ao todo 65 alunos, tiveram que responder um questionário para verificar a localidade em que os mesmos residiam e outras particularidades sobre o homem do campo. Desta forma, foi constatado que a maioria dos entrevistados, 38 alunos residem na zona rural, o que corresponde a 58%, enquanto que 42% reside na zona urbana, o que não difere da realidade do município de Bananeiras – PB.

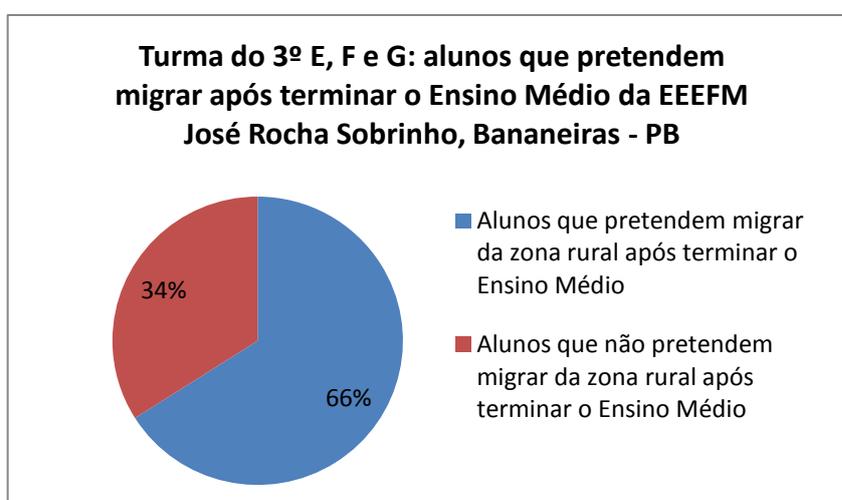
GRÁFICO 01: Turma do 3º Ano E, F, G: alunos que residem na zona rural e urbana, no município de Bananeiras – PB



Fonte: Pesquisa *in loco* (Julho de 2013).

Dos alunos que residem na zona rural, apenas 34% pretende permanecer na zona rural após terminar o Ensino Médio, enquanto que a maioria, cerca de 66% visam migrar para a cidade, contribuindo assim para o êxodo rural e, conseqüentemente, o processo de urbanização do Brasil. Este fato é justificado, pelos alunos, em função de quererem um emprego ou mudar de vida, algo que só é possibilitado nas grandes cidades, principalmente de São Paulo e Rio de Janeiro.

GRÁFICO 02: Turma do 3º Ano E, F, G: alunos que pretendem migrar da zona rural após terminar o Ensino Médio, no município de Bananeiras – PB



Fonte: Pesquisa *in loco* (Julho de 2013).

Entre muitos questionamentos, foi perguntado para os alunos se já observaram alguém sofrendo preconceito por residir na zona rural e alguns alunos responderam que sim, afirmando que: “alguns os chamam de siteiro, isso não é correto”; “já vi muitas vezes pessoas rindo do jeito deles falarem, se vestirem, etc”.

Para tentar modificar esta realidade e a opinião mal esclarecida sobre o homem do campo, foi que o projeto começou a ser aplicado, a princípio, a partir da exposição de conteúdos, como Agropecuária do Brasil, Sistemas Agrários, Estrutura fundiária do Brasil, para que os alunos tivessem um embasamento teórico e prosseguissem com a pesquisa. Além disso, os alunos participaram de algumas aulas de campo, dentre elas o Engenho de Goiamunduba, o qual é produzido a Cachaça Rainha, que, segundo o administrador do engenho, o Senhor Hélio R. Silva Rodrigues, é fabricada ainda de forma artesanal, pois 90% de sua produção é realizada manualmente.

De acordo com o administrador, a localidade tem 120 hectares, onde trabalham 39 funcionários, entre efetivos e temporários, que realizam as atividades apenas na época da safra da cana-de-açúcar. O mesmo ainda afirmou que o plantio é realizado anualmente, entre os meses de maio e junho e, durante o crescimento da cana, os produtores não utilizam agrotóxicos, a não ser se a lavoura for atingida por um tipo de praga denominada cigarrinha. Já a colheita ocorre geralmente nos meses de setembro ou outubro, porém, antes é feito o teste do teor de sacarose, com o refratômetro e o extrato de garapa, para em seguida realizarem a colheita.



FOTO: Pesquisa *in loco* (Agosto de 2013)



FOTO: Pesquisa *in loco* (Agosto de 2013)

FOTOS 02 - 03: Teste para verificar o teor de sacarose da cana-de-açúcar, realizado pelo administrador do Engenho Goiamunduba, Bananeiras – PB

O administrador do engenho também explicou para os alunos como são realizadas as etapas da produção da cana-de-açúcar, que são feitas a partir do preparo do solo, do plantio, limpas, adubação, corte da cana, transporte, moagem, fermentação, destilação, comercialização e consumo. Ainda ressaltou como são realizadas as etapas de fabricação da cachaça Rainha, que são: moagem da cana, fermentação, destilação e engarrafamento.



FOTO: Pesquisa *in loco* (Agosto de 2013)

FOTO 04: O administrador mostrando o local da moagem da cana-de-açúcar para os alunos, no Engenho Goiamunduba, Bananeiras – PB



FOTO: Pesquisa *in loco* (Agosto de 2013)

FOTO 05: Participantes do projeto – A agropecuária através do ensino de Geografia, no Engenho Goiamunduba, Bananeiras – PB

Após essa etapa, os alunos tiveram que produzir um texto ou fazer um depoimento sobre o que aprenderam na aula de campo e, segundo a aluna do grupo B:

“Após visitarmos todo o engenho e tirarmos fotos de todas as etapas, seu Hélio nos conduziu outra vez ao seu escritório, onde agradecemos a ele pela sua acolhida. Emocionado, seu Hélio também nos agradeceu pela visita e gentilmente incentivou nossa turma para seguirmos em frente nos nossos estudos, e quem sabe o engenho de Goiamunduba poderia ser objeto de estudo par uma pós-graduação. Diante de tudo que foi visto e ouvido no engenho, pois foi tudo muito adorável e é sempre bom aprimorar nossos conhecimentos, que em relação ao engenho Goiamunduba, melhor não poderia ser.” (J. C. da S.)

4.2.1 Levantamento das localidades pesquisadas pelos alunos, no município de Bananeiras – PB

Como já relatado, os alunos foram divididos em 14 equipes, os quais pesquisaram 13 comunidades rurais e duas quitandas. Nas comunidades rurais, as equipes aplicaram um questionário para identificar as principais características da localidade, das lavouras e, principalmente, dos agricultores e as dificuldades enfrentadas no campo. Já nas quitandas, os

alunos pesquisaram de onde se originam os produtos agrícolas que são vendidos para o consumidor, bem como as dificuldades enfrentadas pelos proprietários.

Desta forma, são apresentadas algumas características das seguintes localidades, como: Fazenda Haroldo Lucena, Horta de Moacir Pimentel de Souza, Sítio Vila Maia e Sítio São José, Engenho Goiamunduba, Sítio Jardins e Farias, Sítios Gamelas, Goiamunduba e Saboeiro, Sítio Barreiras, Sítio Caboclo, Sítio Jaracatiá, Sítio Chã de Porteira, Sítio Bica do Gato, Sítio Lagoa de Matias, Assentamento Nossa Senhora das Graças, Sacolão de Verduras e Quitanda do Vando.

➤ **Fazenda Haroldo Lucena**

A fazenda Haroldo Lucena localiza-se no Distrito de Roma, zona rural do município de Bananeiras – PB e foi pesquisada por uma aluna, com o intuito de mostrar a realidade vivenciada por ela e seus pais, que trabalham nas lavouras existentes na localidade. Na fazenda reside apenas uma família, que é constituída por quatro pessoas, as quais administram a fazenda e cultivam as lavouras, além de mais dois funcionários que também trabalham permanentes e temporárias, dentre elas: legumes, frutas, e hortaliças, destinadas para o próprio consumo e o comércio.



FOTO: Pesquisa *in loco* (Agosto de 2013)

FOTO 06: Lavouras de milho e macaxeira na Fazenda Haroldo Lucena, Bananeiras – PB.



FOTO: Pesquisa *in loco* (Agosto de 2013)

FOTO 07: Plantação de jerimum na Fazenda Haroldo Lucena, Bananeiras – PB.

A aluna entrevistou o seu pai, o agricultor Ivan Marinho da Silva, de 49 anos, que reside na localidade há mais de 20 anos. Segundo a aluna, quem morava antes na fazenda era seu avô, que cuidava das lavouras e, quando chegou a idade, quem ficou no seu lugar foi seu pai, que, de acordo com ele, gosta muito de trabalhar no campo, pois se sente mais a vontade fazendo aquilo que gosta.

De acordo com sua pesquisa, todos os produtos são para o consumo da família residente na fazenda e para o proprietário, já o excedente é destinado para o comércio. Dentre os produtos cultivados na localidade, pode-se destacar o coentro (*Coriandrum sativum*), uva (*Vitis sp*), maracujá (*Passiflora sp*), macaxeira (*Manihot esculenta Crantz*), laranja (*Citrus sinensis*), a batata doce (*Ipomoea batatas*), o chuchu (*Sechium edule*), o feijão (*Phaseolus vulgaris*), o couve (*Brassica rapa pekinensis*), entre outros. O valor de atacado e venda de alguns destes produtos estão destacados na tabela a seguir.

TABELA 01: Valor de custo e venda de alguns dos produtos cultivados na Fazenda Haroldo Lucena, no município de Bananeiras – PB

PRODUTOS	CUSTO DE PRODUÇÃO	PREÇO DE VENDA
Uva	R\$ 2,50	R\$ 4,00
Batata doce	R\$ 2,50	R\$ 3,50
Macaxeira	R\$ 2,00	R\$ 3,00
Chuchu	R\$ 1,50	R\$ 2,50
Maracujá	R\$ 2,00	R\$ 2,50
Feijão	R\$ 2,50	R\$ 4,00
Couve	R\$ 2,00	R\$ 3,00

FONTE: Pesquisa *in loco* (Agosto de 2013).

Dos produtos já citados, de acordo com a mãe da aluna, alguns são vendidos para um projeto da Prefeitura de Bananeiras – PB, que, em seguida, são destinados às escolas, creches, cadeias e hospitais do município, assim como o coentro (*Coriandrum sativum*), uva (*Vitis sp*), maracujá (*Passiflora sp*), macaxeira (*Manihot esculenta Crantz*), laranja (*Citrus sinensis*). A mãe da aluna ainda destacou que:

“Os nossos alimentos não contém agrotóxicos, são todos naturais. Aqui ocorre um processo no roçado, onde limpamos o terreno onde vai ser plantado, no entanto, utilizamos, às vezes, o

trato, para poder dividir os terrenos, depois o mato é queimado, apesar de saber que é errado, é desse modo que fazemos, e depois começamos a plantar”.

De acordo com o entrevistado, o maior prejuízo que tiveram este ano foi a falta de água, isto é, não só para eles, mas para os moradores circunvizinhos, além de pragas, que atingiram nas lavouras de feijão (*Phaseolos vulgaris*) e de milho (*Zea mays*), como lagartas-minadora (*Phyllocnistis spp.*).

➤ Horta de Moacir Pimentel de Souza

Formada por quatro alunos, o grupo B pesquisou uma horta, localizada no Distrito do Tabuleiro, a qual tem 15 hectares de plantação. Na localidade, são cultivados alface (*Lactuca sativa*), brócolis (*Brassica oleracea L.*), milho (*Zea mays*), coentro (*Coriandrum sativum*), entre outros. Os produtos dessa horta são levados para muitas casas da região, também são vendidos nas feiras de cidades próximas, como Solânea.



FOTO: Pesquisa *in loco* (Agosto de 2013)

FOTO 08: Lavouras de alface na horta de Moacir Pimentel de Souza, Bananeiras – PB.



FOTO: Pesquisa *in loco* (Agosto de 2013)

FOTO 09: Lavoura de alface e coentro na horta de Moacir Pimentel de Souza, Bananeiras – PB.

Segundo a pesquisa, a alface (*Lactuca sativa*) é plantada 12 vezes ao ano e é colhido em 35 dias e sua produção é para o comércio; o coentro (*Coriandrum sativum*) é plantado todos os meses e é colhido depois de 30 dias e é a única que não se utiliza fertilizantes.

A localidade tem passado por momentos de pouca produtividade, por consequência da falta de chuva na região. Mesmo sem muita chuva, como de costume, os trabalhadores não deixaram de plantar, tendo como resultado um número não tão elevado de plantações quanto de outros anos.

A equipe entrevistou o senhor Moacir Pimentel de Souza, 61 anos, dono da horta há 15 anos. O dono da propriedade é casado, tem 4 filhos, que, segundo o entrevistado, não se interessam pela agricultura. Quando questionado com relação à escolaridade, o mesmo respondeu que estudou até o 5º Ano do ensino fundamental. Para seu Moacir, trabalhar no campo não é muito bom, mas não teve escolha.



FOTO: Pesquisa *in loco* (Agosto de 2013)

FOTO 10: Entrevistados e agricultores trabalhando nas lavouras da Horta do senhor Moacir Pimentel de Souza, Bananeiras – PB.

Ao ser perguntado sobre as dificuldades encontradas no campo, o mesmo respondeu que a maior é não ter apoio de nada, apenas a cara e a coragem. Segundo ele, o homem do campo sempre fica de “escanteio” em meio à sociedade.

Com relação à utilização de agrotóxicos nas lavouras, o mesmo respondeu que só utiliza como último recurso e que não possui, em suas terras, lavouras temporárias. Já referente à relação proprietário e trabalhador, o entrevistado ainda afirma que seus trabalhadores ganham em dinheiro 40% do que produzem.

➤ **Sítio Vila Maia e Sítio São José (Distrito de Vila Maia)**

Formada por quatro alunos, o grupo C pesquisou os sítios de Vila Maia e Sítio São José (localizados no Distrito de Vila Maia). Segundo os alunos, em todas as localidades do Distrito de Vila Maia é desenvolvida a agricultura familiar e de subsistência e os produtos agrícolas são comuns em cada sítio.

No Sítio Vila Maia, foi entrevistado o agricultor João Pereira, 79 anos, casado com dona Maria e mora e residente na localidade desde pequeno. O entrevistado afirmou que é “nascido e criado, trabalhando no campo, não teve condições de estudar”. Em sua propriedade, trabalha com seus filhos e cultiva em suas lavouras: feijão (*Phaseolus vulgaris*), milho (*Zea mays*), mandioca (*Manihot esculenta Crantz*) e banana (*Musa paradisiaca*), porém, apenas esta última é comercializada.

Sua propriedade é rica em árvores frutíferas, segundo os alunos, tem todo tipo de frutas, como: manga (*Mangifera indica L*), caju (*Anacardium occidentale L.*), jaca (*Artocarpus heterophyllus*), laranja (*Citrus sinensis*), acerola (*Malpighia puniceifolia L*), jabuticaba (*Myrciaria cauliflora*), cacau (*Theobroma cacao*), entre outros. Nessa propriedade também tem uma árvore que fornece uma erva chamada açafraão (*Curcuma Longa L*), que é usada para fazer o colorau, feito pela própria família, utilizada em nossas casas para dar uma cor avermelhada nas comidas.



FOTO: Pesquisa *in loco* (Agosto de 2013)

FOTO 11: Agricultor João Pereira, proprietário do Sítio Vila Maia, Bananeiras – PB.



FOTO: Pesquisa *in loco* (Agosto de 2013)

FOTO 12: Alguns produtos agrícolas cultivados nas lavouras do Sítio Vila Maia, Bananeiras - PB.

Seu João afirmou que faz queimada no seu sítio, para poder plantar seus produtos novamente. O sistema é praticado por familiares que não possuem condições financeiras de melhorar sua produção. Seu João – um homem trabalhador – que dá um duro danado para sustentar suas famílias trabalhando no campo, segundo os alunos.

Já no sítio São José, a pesquisa foi realizada com o senhor Celson Ferreira da Silva, 76 anos, casado com a senhora Teresinha Gomes da Silva, agricultores e residentes na localidade há mais de 20 anos. Segundo a pesquisa, moram na localidade há mais de 20 anos, trabalham no campo desde os sete anos de idade e não frequentaram a escola devido à necessidade de trabalhar para se sustentar.



FOTO: Pesquisa *in loco* (Agosto de 2013)

FOTO 13: Entrevista realizada pela aluna no Sítio São José, Bananeiras – PB.



FOTO: Pesquisa *in loco* (Agosto de 2013)

FOTO 14: Entrevista realizada pela aluna no Sítio Vila Maia, Bananeiras – PB.

Segundo o senhor Celson, as dificuldades encontradas na agricultura são muitas. Nos últimos anos, vem enfrentando um grande período de seca e, com isso, a falta de água que é necessária para o cultivo de muitos alimentos, entre eles: feijão (*Phaseolos vulgaris*), mandioca (*Manihot esculenta Crantz*) e milho (*Zea mays*). Essas dificuldades ainda não foram superadas, ainda há muitos prejuízos encontrados devido à longa estiagem entre eles: os pés de árvores frutíferas como: laranja, jabuticaba, acerola, maracujá, banana, abacate e mamão que sofreram as consequências da seca. O agricultor ainda finaliza a entrevista afirmando que a importância do campo para a sociedade são muitas, porque através dela que sai o alimento para as pessoas.

➤ **Engenho Goiamunduba**

Visando mostrar a produção da cana-de-açúcar e a fabricação da Cachaça Rainha, motivo de orgulho para o município, pois é produzida desde 1877 no Engenho Goiamunduba, localizado na zona rural do município de Bananeiras – PB, na microrregião do Brejo Paraibano, pela família tradicional da região – Bezerra, o Engenho Goiamunduba foi pesquisado pelos por dois alunos, que formam o grupo D.



FOTO: Pesquisa *in loco* (Agosto de 2013)

FOTO 15: Engenho Goiamunduba, município de Bananeiras – PB.

De acordo com a pesquisa do grupo, o engenho está localizado no sítio Goiamunduba, com uma área de 120 hectares. Conta com 39 trabalhadores, entre efetivos e temporários, que trabalham na época da safra. O plantio ocorre uma vez por ano, entre os meses de maio e junho. Já a colheita é realizada a partir do teste do teor de sacarose, geralmente em setembro ou outubro.

O preparo do solo é feito 90% manualmente pelos trabalhadores, os quais não utilizam herbicidas na lavoura de cana-de-açúcar. As etapas da produção canavieira ocorrem através da preparação do solo, plantio da cana-de-açúcar, limpas, adubação, corte da cana, transporte da cana, moagem, fermentação, destilação, comercialização e consumo.

A colheita é realizada através do teste com o refratômetro e o extrato de garapa, onde vai dar o teor da sacarose da cana-de-açúcar, e, em seguida, passa por algumas etapas, como: a colheita, a moagem, fermentação, destilação e engarrafamento, para, em seguida, ser destinada ao comércio local ou regional.

➤ **Sítio Farias e Sítio Jardins**

Pesquisado pelo grupo E, constituído por oito alunos, segundo da equipe, foram feitas visitas nos sítios Jardins e Farias, localizados na zona rural do município de Bananeiras – PB. A propriedade do sítio Jardim possui 200 hectares e moram três famílias, que trabalham no plantio de banana (*Musa paradisiaca*), fava (*Piptadenia suaveolense*), milho (*Zea mays*) e feijão (*Phaseolus vulgaris*). São usados produtos químicos, porém, há lavouras de produtos orgânicos em outros setores da propriedade. Sua produção é destinada tanto para comércio como para a subsistência das famílias.

Os alunos entrevistaram a agricultora Lucinete Avelino, 49 anos, solteira e mãe de três filhos. A entrevistada cursou até a 4ª série do ensino fundamental (atual 5º Ano do Ensino Fundamental), trabalha na agricultura há seis anos, porém mora na propriedade há 8 meses. Segundo a agricultora:

“Vim morar na propriedade a pedido do meu patrão, que foi muito bom comigo e minha família, ele reformou a casa em que moro atualmente, par que eu não tivesse mais gastos com transportes, ajudando mais ainda minha renda”.



FOTO: Pesquisa *in loco* (Agosto de 2013)

FOTO 16: Alunos e agricultora entrevistada do Sítio Jardins, Bananeiras – PB

A relação existente entre o dono da terra e os moradores é de parceria. De acordo com a agricultora Lucinete Avelino: “essas lavouras não são apenas do patrão não, nós que plantamos, tempos direito a uma parte da colheita, aí cada um usa como quiser a sua parte”.

Segundo a entrevistada, a relação entre moradores e o dono da terra é “ótima”, quando é feita a pergunta se ela gosta de morar e trabalhar no campo, logo vem a resposta: “gosto, pois é bom plantar e colher meu próprio alimento”. O único problema enfrentado na lavoura é a “formiga”, mas já está sendo superado. Já com relação à lavoura, a mais prejudicada foi a de milho, que com esta seca, o produto ficou mais seco.

Já na localidade do sítio Farias, os alunos entrevistaram o senhor José Bezerra Araújo, 47 anos, casado, dois filhos. O mesmo só cursou até a alfabetização e além de trabalhar na agricultura, também é feirante há 20 anos. Na propriedade, ele vive com sua esposa e seus três filhos, porém não tem ajuda familiar em seu trabalho, pois eles trabalham no centro da cidade de Bananeiras – PB.

Na localidade, são plantadas lavouras permanentes, como mandioca (*Manihot esculenta Crantz*), chuchu (*Sechium edule*), alface (*Lactuca sativa*), coentro (*Coriandrum sativum*) e pimentão (*Solanum lycopersicum*), e apenas uma lavoura temporária, que é a de milho (*Zea mays*), todos voltados para o comércio. Desses alimentos, o mais vendido é o coentro. Segundo Sr. José “o coentro é o que mais sai, porque é o mais usado na cozinha”. Para o Sr. José, a alface (*Lactuca sativa*) ficou mais caro nos últimos meses, por causa das chuvas, pois queima e deixa quem planta no prejuízo.

Ao ser questionado se gosta de trabalhar no campo, o agricultor afirmou que: “gosto de trabalhar no campo, pois fui acostumado a lutar por meu alimento e graças a Deus não dependo de ninguém, apenas do meu trabalho”. Segundo ele, a importância dele para a sociedade é que “todos, de certa forma, dependem ou já dependeram de uma pessoa que como eu, tive a coragem de preparar a terra em baixo do sol quente para plantar, pois, se não fosse assim, não existiria essas grandes empresas de hoje”.

➤ **Sítios Goiamunduba, Gamelas e Saboeiro**

Os sítios Goiamunduba, Gamelas, e Saboeiro foram pesquisados por seis alunos, que corresponde ao grupo F. Os discentes entrevistaram três famílias que vivem exclusivamente da agricultura familiar.

O primeiro entrevistado foi o senhor Antônio Nascimento da Silva, 45 anos, casado e residente no sítio de Goiamunduba. Agricultor há 28 anos, tem uma propriedade de cinco hectares, onde cultiva banana (*Musa paradisiaca*), inhame (*Colocasia Esculenta*) e cana-de-açúcar (*Saccharum officinarum* L.)



FOTO: Pesquisa *in loco* (Agosto de 2013)

FOTO 17: Entrevista com o agricultor Antônio N. da Silva, no Sítio Goiamunduba, Bananeiras – PB.



FOTO: Pesquisa *in loco* (Agosto de 2013)

FOTO 18: Cultivo de banana (*Musa paradisiaca*) no sítio Goiamunduba, Bananeiras – PB.

Ele relata que se sente bem em trabalhar no campo, por gostar do que faz e que tem dificuldades com a falta de água, que atrapalha a fertilidade da terra. Para o manuseio das culturas, com a seca, fica bem difícil, porém com a ajuda da família, essas dificuldades se tornam força para enfrentar os desafios existentes. O agricultor ainda afirma que “a importância do homem do campo para a sociedade é que tudo que queremos vem do campo e de seus esforços e com alegria desfrutam de diversos tipos de alimentos”.

O mesmo destaca que a Goiamunduba faz parte de Áreas de Preservação Permanente (APPs), ou seja, aquelas protegidas nos termos dos Artigos 2º e 3º do Código Florestal e que é não só ele, mas seus companheiros respeitam a área de preservação ambiental do sítio, que atualmente é vistoriada pela Universidade Federal da Paraíba (Campus

III), com o intuito de preservá-la e realizar pesquisas. Na localidade também se encontra um assentamento de reforma agrária, trilhas ecológicas e o Engenho da cachaça Rainha, que pertence a uma família tradicional do município de Bananeiras – PB, a família Mozart Bezerra.

O segundo entrevistado, o senhor Ivanildo Paixão Soares, 49 anos, reside no sítio Gamelas. É casado, tem três filhos e possui apenas o primário incompleto. Agricultor há 41 anos, o mesmo relata que gosta de trabalhar na agricultura, tira um pouco da colheita para o comércio, para ser vendida nas cidades circunvizinhas e também para a própria família.

O problema, mas grave, na visão dele, é a seca e a má conservação das estradas para o escoamento da sua produção, que é o cultivo de mandioca (*Manihot esculenta Crantz*) e banana (*Musa paradisiaca*), esta última também é destinada para outros estados, como o Rio Grande do Norte e Ceará. Nestes últimos anos, a lavoura de bananeiras foi muito prejudicada pela seca, segundo suas palavras: “não tenho verbas para reposição do plantio, faço parte apenas do programa bolsa família”.



FOTO: Pesquisa *in loco* (Agosto de 2013)



FOTO: Pesquisa *in loco* (Agosto de 2013)

FOTOS 19 - 20: Situação das estradas para o escoamento da produção agrícola, no sítio Gamelas, Bananeiras – PB.

Agricultor há 37 anos, residente no sítio Saboeiro, o terceiro entrevistado foi o senhor Francisco Pereira de Azevedo, 43 anos, casa três filhos e ensino fundamental incompleto. Sua propriedade tem mais de sete hectares, onde cultiva mandioca (*Manihot esculenta Crantz*), inhame (*Colocasia Esculenta*), maracujá (*Passiflora sp*) e cebola branca (*Pancra-tium Guianensis*).

O senhor Francisco relata que “através dos familiares começou e está até hoje na agricultura e não se arrepende dessa escolha”. O mesmo ainda destaca que a maior dificuldade encontrada é a seca e a falta de conservação das estradas que é de difícil acesso a sua propriedade.

Quando perguntado sobre a importância de sua profissão para a sociedade, ele afirmou que é importante o agricultor é importante para a sociedade, tendo em vista que todo alimento comercializado vem dos pequenos agricultores, para chegar ao consumidor, é necessário ser plantado e colhido com segurança para obter qualidade nas lavouras.

➤ **Sítio Barreiras**

O sítio Barreiras foi pesquisado pelo Grupo G, constituído por duas alunas. Na localidade as alunas entrevistaram o agricultor Manuel Venâncio da Costa, que tem 65 anos, casado, com nove filhos, reside no sítio há 45 anos. Com o ensino fundamental incompleto, o entrevistado afirmou que:

“Comecei a trabalhar na agricultura desde criança, com isso meu amor e paixão pela terra foi aumentando. Para mim, trabalhar com a terra é um prestígio e uma satisfação muito grande, plantar uma pequena semente e dela ver brotar um fruto, isso é uma dádiva de Deus”.
(Manuel Venâncio da Costa, 65 anos)

O agricultor também destacou que, na agricultura, há muitas dificuldades a enfrentar. A seca prejudica muito as lavouras e acaba dificultando a nós trabalhadores também. O feijão e o milho foram os mais prejudicados esse ano, por conta da seca e, na maioria das vezes, não dá para recuperar o que foi prejudicado. Além disso, tem a degradação do solo que causa a erosão e a perda dos nutrientes da terra, a parte atingida pela degradação já não pode ser semeada por bom tempo até ser recuperada.

Segundo ele, o que dificulta também é que nós – agricultores – não recebemos nenhuma ajuda financeira do governo, prefeito ou de vereadores da nossa cidade, seja ela em dinheiro, máquinas para lavouras ou até mesmo em sementes para o plantio.

Já com relação aos benefícios em morar na zona rural, o agricultor disse que há benefícios, porque na terra pode plantar vários tipos de alimentos e tirar uma renda boa para sustentar a família e também, através da renda arrecadada com as lavouras, dá para investir em máquinas para o plantio de novas lavouras e, com isso, o plantio vai aumentando e o lucro ficando cada vez melhor.

Os produtos cultivados na localidade são: milho (*Zea mays*), feijão (*Phaseolos vulgaris*), macaxeira (*Manihot esculenta Crantz*), batata doce (*Ipomoea batatas*), laranja (*Citrus sinensis*).

QUADRO 02: Principais características de algumas lavouras do sítio Barreiras, município de Bananeiras – PB

PRODUTO	NOME CIENTÍFICO	TIPO DE LAVOURA	PERÍODO DE PLANTIO	COLHEITA	DESTINO
Milho	<i>Zea mays</i>	Temporária.	Duas vezes por ano, no inverno e na seca	70 a 80 dias depois do plantio.	Comércio.
Macaxeira	<i>Manihot esculenta Crantz</i>	Temporária.	Uma vez por ano, em maio.	Entre 8 a 1 ano depois do plantio.	Feiras livres e quitandas da cidade.
Batata doce	<i>Manihot esculenta Crantz</i>	Temporária	Uma vez por ano, em fevereiro.	4 meses depois do plantio.	Comércio e subsistência.
Laranja	<i>Citrus sinensis</i> .	Permanente.	Uma vez por ano, em maio.	Entre 1 a 2 anos.	Feiras livres e quitandas.
Feijão	<i>Phaseolos vulgaris</i>	Temporária.	Duas vezes por ano, em março e outubro.	Três meses depois do plantio.	Feiras livres e quitandas da cidade

Fonte: Pesquisa *in loco* (Agosto de 2013).

Na localidade, existe também a piscicultura, que se refere ao cultivo de peixes em água doce, neste caso, de tilápias (*Tilapia rendali*). Sua criação é realizada duas vezes por ano e é destinada para o comércio, principalmente para as feiras de livres da cidade.

➤ **Sítio Caboclo**

Com o intuito de mostrar a realidade vivenciada pelo homem do campo e suas respectivas lavouras, a localidade do sítio Caboclo pertence ao Assentamento Nossa Senhora das Graças, localizado no Distrito do Tabuleiro, município de Bananeiras – PB foi pesquisada por dois alunos, que constituem o grupo H.

A pesquisa foi realizada na localidade do Sítio Caboclo, através de observações e entrevistas com os agricultores Josival Moreira de Araújo (tio dos alunos) e Josefa Moreira de Araújo (avó dos alunos).

O agricultor Josival Moreira de Araújo tem 52 anos, reside na localidade desde que nasceu e trabalha na agricultura há 40 anos. Sua propriedade tem oito hectares e possui lavouras comerciais e de subsistência. Segundo o entrevistado, o principal problema enfrentado no campo é a falta de investimentos dos governantes na agricultura, os problemas na lavoura por conta da seca e enfatiza o feijão (*Phaseolos vulgaris*), milho (*Zea mays*) e a mandioca (*Manihot esculenta Crantz*), como as lavouras mais afetadas pela seca.

A senhora Josefa Moreira de Araújo tem 73 anos, reside na localidade há 67 anos. Trabalha na roça desde os oito anos de idade. Segundo o relato dos alunos, dona Josefa afirmou na entrevista que: “sem o homem do campo, na cidade não haveria alimentos para os cidadãos”. No seu lote é produzido feijão (*Phaseolos vulgaris*), milho (*Zea mays*), fava (*Piptadenia suaveolense*), mandioca (*Manihot esculenta Crantz*) e inhame (*Colocasia Esculenta*), banana (*Musa paradisiaca*), pinha (*Annona squamosa* L), entre outras.



FOTO: Pesquisa *in loco* (Agosto de 2013)

FOTO 21: Algumas lavouras identificadas no Sítio Caboclo, Bananeiras – PB

➤ **Sítio Jaracatiá**

Constituída por dois alunos, o grupo I pesquisou duas comunidades localizadas no Sítio Jaracatiá, pertencentes aos agricultores Sebastião Vital da Silva, 55 anos, e Pedro de Oliveira Alves, 50 anos.

Segundo a pesquisa dos alunos, o senhor Sebastião Vital da Silva, é casado, tem 4 filhos, reside no sítio desde pequeno e trabalha na lavoura há cerca de 46 anos, ou seja, desde criança. A sua localidade é formada por três hectares, onde são plantados milho (*Zea mays*), feijão (*Phaseolos vulgaris*), batata (*Solanum tuberosum L.*), fava (*Piptadenia suaveolense*) e inhame (*Colocasia Esculenta*).



FOTO: Pesquisa *in loco* (Agosto de 2013)

FOTO 22: Trabalhador rural na lavoura de milho, no sítio Jaracatiá, Bananeiras – PB.



FOTO: Pesquisa *in loco* (Agosto de 2013)

FOTO 23: Agricultor limpando a terra para plantar um nova lavoura, no sítio Jaracatiá, Bananeiras – PB

Questionados sobre qual era a maior dificuldade enfrentada no campo, o agricultor respondeu que: “o maior problema enfrentado nesses últimos anos foi a seca e degradação do solo. Mas apesar disso, o agricultor destaca que: “sem a agricultura não existiriam nossos alimentos para sobrevivermos”.

A outra localidade pesquisada pelos alunos tem sete hectares e pertence ao senhor Pedro de Oliveira Alves, que trabalha na lavoura há 40 anos, onde planta feijão (*Phaseolos vulgaris*), milho (*Zea mays*) e inhame (*Colocasia Esculenta*). Já com relação aos problemas

enfrentados pelos agricultores nos últimos anos, o entrevistado afirmou que foi a seca e a falta de ajuda dos políticos e governantes, os maiores obstáculos

➤ **Sítio Chã de Porteira**

Formado por dois alunos, o grupo J, pesquisou a localidade do Sítio Chã de Porteira, que, segundo eles, é composta por pequenas propriedades, onde todos os moradores trabalham no campo e as lavouras são temporárias e de subsistência, como feijão (*Phaseolus vulgaris*), inhame (*Colocasia Esculenta*) e mandioca (*Manihot esculenta Crantz*).

Os alunos entrevistaram o agricultor Sinésio dos Santos Filho, casado, pai de seis filhos, reside na localidade há 40 anos e trabalha no campo desde criança. O agricultor afirmou que: “gosto de trabalhar no campo desde criança e agradeço muito a Deus pela vida que ele reservou para mim, colocando em minha vida esse papel tão importante, o papel de agricultor”.

➤ **Sítio Bica do Gato**

Com o objetivo de destacar um pouco da pecuária do município de Bananeiras – PB, o grupo L, formado por cinco alunos, pesquisou o sítio Bica do Gato, onde apresentaram as principais características da criação do gado bovino.

Desta forma, a propriedade pertence ao Sr. José Valter Lima Aguiar, 45 anos, pai de um dos alunos da equipe. Segundo o entrevistado, a localidade pesquisada tem 12 hectares e a se destaca pela criação de 40 gados, que são comercializados na própria região. Segundo a pesquisa, o gado não é usado para produção leiteira e sim para corte, onde a carne é distribuída para açougues e para compradores vizinhos que fazem a sua comercialização em feiras livres.



FOTO: Pesquisa *in loco* (Agosto de 2013)



FOTO: Pesquisa *in loco* (Agosto de 2013)

FOTOS 24 - 25: Criação de gado bovino no sítio Bica do Gato, Bananeiras – PB.

O gado vai para o corte de acordo com sua condição, ou seja, depende do peso e, enquanto ele não chega ao peso ideal de corte, passa por um processo de engordamento com capim e ração. O capim é moído na forrageira e é misturado com um pouco de ração. Já o preço da carne é determinado de acordo com a parte do animal, onde o preço da costela custa em torno de 10 reais por quilo, enquanto que o preço da carne maciça custa entre 13 a 14 reais por quilo.



FOTO: Pesquisa *in loco* (Agosto de 2013)

FOTO 26: Capim para o gado sendo moído na forrageira, no Sítio Bica do Gato, Bananeiras – PB.

4.2.1.13 Sítio Lagoa de Matias

O sítio Lagoa de Matias foi pesquisado pelo grupo M, constituído por quatro alunas. Segundo o relatório da equipe, o sítio está localizado em uma região abundante em água e apresenta um clima agradável para a agricultura, por ter terra fértil e produtiva para os cultivos estudados. A pesquisa do grupo visa mostrar as condições atuais nosso trabalhador rural, como ele convive e se adéqua as novas formas de cultivo e as mudanças de clima tão bruscas que ocorrem hoje.

O Sítio Lagoa do Matias está situado na zona rural do município de Bananeiras-PB, é uma região predominantemente agrícola, possui uma vasta área de terra produtiva e rica em água. Os agricultores da região cultivam todo tipo de plantio, mas predomina os seguintes: macaxeira (*Manihot esculenta Crantz*) e coentro (*Coriandrum sativum*), os quais receberam mais atenção na elaboração desta pesquisa.



FOTO: Pesquisa *in loco* (Agosto de 2013)

FOTO 27: Lavoura de coentro, no Sítio Lagoa de Matias, Bananeiras – PB



FOTO: Pesquisa *in loco* (Agosto de 2013)

FOTO 28: Lavoura de macaxeira, no Sítio Lagoa de Matias, Bananeiras – PB

A equipe visitou o sítio do senhor José Lima dos Santos, agricultor de 43 anos, casado, residente do lugar desde que nasceu e que tem quatro filhos. O mesmo possui ensino fundamental incompleto, e questionado respondeu que começou a trabalhar na agricultura desde seus 25 anos, citou que todos na casa ajudam no trabalho do campo, a mulher e os quatro filhos. O agricultor ainda ressaltou sobre as dificuldades enfrentadas pela família e disse: “a maior dificuldade dos últimos anos foi a seca, a falta de água que fez perder a safra do feijão e do milho, prejuízo que não conseguiram recuperar”.

Segundo a pesquisa dos alunos, mesmo com essas dificuldades ele se mostrou contente com a forma que vivi, falou da importância do pequeno agricultor para o comércio local, pois o mesmo vende os produtos que planta para os comerciantes revenderem nas feiras da região, além de servirem para o próprio consumo da família.

Mesmo com uma propriedade considerada pequena, em torno de 3,5 hectares, ele consegue dividir bem as áreas para o cultivo de seus produtos: coentro (*Coriandrum sativum*), macaxeira (*Manihot esculenta Crantz*) e feijão (*Phaseolos vulgaris*), para que consiga vender e consumir.

➤ Assentamento Nossa Senhora das Graças

O Assentamento Nossa Senhora das Graças foi pesquisado pelo grupo N, constituído por cinco alunos. Segundo a pesquisa dos discentes, antigamente as terras onde hoje existe o Assentamento Nossa Senhora das Graças pertencia à família Bezerra, sendo que em 2001 essas terras foram vendidas para o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária). Nelas foram assentadas 62 famílias que ainda residem na localidade. Com essa reforma agrária, os moradores que antes trabalhavam para os donos da terra, passaram a ter seu próprio terreno para plantar, cultivar e colher.



FOTO: Pesquisa *in loco* (Agosto de 2013)

FOTO 29: Associação dos Trabalhadores Rurais do Assentamento Nossa Senhora das Graças, Bananeiras – PB



FOTO: Pesquisa *in loco* (Agosto de 2013)

FOTO 30: Plantação de mandioca e milho no mesmo roçado, no Assentamento Nossa Senhora das Graças, Bananeiras – PB

Desta forma, todos do Assentamento ganharam do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) moradia, cisterna e dinheiro para investir na compra de animais e material para cercar as terras. Essas terras tem um solo bom e os produtos cultivados na região se adaptam bem ao clima.

Atualmente, as famílias que residem no Assentamento Nossa Senhora das Graças trabalham de forma que usam apenas a mão de obra familiar, voltada para o próprio consumo, onde plantam lavouras temporárias, como feijão (*Phaseolos vulgaris*), fava (*Piptadenia suaveolense*), mandioca (*Manihot esculenta Crantz*), milho (*Zea mays*), batata (*Solanum tuberosum L.*) e inhame (*Colocasia Esculenta*) e lavouras permanentes, com cajueiro (*Anacardium occidentale L.*), mangueira (*Mangifera indica*), coqueiro (*Cocos nucifera L.*), pé de pinha (*Annona squamosa L.*), bananeira (*Musa sp*), goiabeira (*Psidium guajava*) e romão (*Punica granatum L.*).



FOTO: Pesquisa *in loco* (Agosto de 2013)

FOTO 31: Colheita de batata realizada pelo agricultor, no Assentamento Nossa Senhora Aparecida, Bananeiras – PB



FOTO: Pesquisa *in loco* (Agosto de 2013).

FOTO 32: Lavouras milho, no Assentamento Nossa Senhora Aparecida, Bananeiras – PB

De acordo com a pesquisa, a maioria dos produtos, principalmente o feijão (*Phaseolos vulgaris*), fava (*Piptadenia suaveolense*), e milho (*Zea mays*) são plantados entre os meses de março e abril e são colhidos entre 60 e 90 dias após o plantio.

Alguns produtores afirmaram que os produtos do assentamento estão enfrentando uma grande crise com a falta de chuva na época do plantio, pois grande parte da plantação feita no mês de fevereiro se perdeu pela falta de chuva, sendo que no mês de abril os agricultores fizeram uma nova tentativa, plantando suas lavouras novamente, confiando que

as chuvas iriam ser suficientes. Assim as famílias do campo trabalham e esperam colher seu alimento.

Muitos agricultores sabem a importância de seu papel na sociedade, pois são as suas mãos que produzem o alimento que vai para a mesa de milhares de pessoas em todo o mundo. O agricultor Júlio Augusto dos Santos, 86 anos, é um exemplo de vida, pois começou a trabalhar no campo aos 9 anos de idade, para ajudar a cuidar dos seus irmãos, assim ele aprendeu a trabalhar no campo com seu pai e passou esse ensinamento para seus filhos.



FOTO: Pesquisa *in loco* (Agosto de 2013).

FOTO 33: Entrevista com o agricultor Júlio Augusto dos Santos, no Assentamento Nossa Senhora das Graças, Bananeiras – PB



FOTO: Pesquisa *in loco* (Agosto de 2013)

FOTO 34: Agricultor, Júlio Augusto dos Santos, limpando o seu roçado para o plantio, no Assentamento Nossa Senhora das Graças, Bananeiras – PB

Mas, infelizmente, dos jovens que, atualmente, moram na zona rural, poucos querem trabalhar na roça, como seus avôs e pais fizeram, isso está fazendo com que essa atividade se torne escassa. Desta forma, como será a realidade do campo nas próximas décadas, se os agricultores forem diminuindo cada vez mais, quem vai continuar morando, plantando e colhendo as lavouras?

A maioria dos trabalhadores da zona rural é formada por pessoas acima de 40 anos. Os jovens que trabalham na agricultura são cada vez mais poucos, pois a maioria não está querendo seguir no ramo da agricultura como seus pais, isso vem deixando o setor mais escasso de mão de obra.

➤ **Quitanda do Vando e Sacolão das Verduras**

Esta pesquisa foi realizada pelo grupo O, constituído por nove alunos, todos residentes na zona urbana, com o objetivo de mostrar quais produtos agrícolas são vendidos e sua origem em algumas quitandas da cidade de Bananeiras – PB. Assim, a equipe pesquisou dois comércios: o Sacolão de Verduras e Kitanda do Vando, localizados no centro da cidade de Bananeiras – PB, Para isso, os alunos entrevistaram o Senhor Severino Olívio, proprietário da Sacolão de Verduras e o senhor Vanderley Rodrigues da Silva, responsável pela Kitanda do Vando.

Os alunos entrevistaram primeiro o senhor Severino Olívio Serafim, 40 anos, casado e pai de dois filhos. Tem apenas o Ensino Fundamental incompleto, pois cursou até o 6º Ano, desde criança exerce a profissão de agricultor, apesar de não vender seus próprios produtos no sacolão. Sua quitanda oferece frutas, verduras e cereais, como: uva (*Vitis sp*), maçã (*Malus domestica Borkh*), tomate (*Solanum lycopersicum*), castanha (*Solanum lycopersicum*), entre outros.

Ele adquire seus produtos através de atravessadores, que vem do município de Petrolina, no estado de Pernambuco. Segundo o entrevistado, nos últimos meses, os produtos que ficaram mais caros foram o tomate, a batatinha e a banana, por causa da seca, porém não houve prejuízos, e ainda afirmou que “todos os produtos são bem vendidos, tem uma boa saída”.

O segundo entrevistado pelos alunos foi o senhor Vanderley Rodrigues da Silva, 38 anos, casado e pai de dois filhos. O mesmo reside no Distrito de Vila Maia, localizado na zona rural do município e possui o Ensino Médio completo. É proprietário da Kitanda do Vando, que se encontra no centro da cidade de Bananeiras. Há quase duas décadas, em seu comércio, são vendidos frutas, verduras, legumes e cereais. O proprietário afirma que seus produtos são adquiridos através de atravessadores, que vem de Campina Grande. Já com relação ao produto mais vendido, ele afirmou que são as verduras, pois são de boa qualidade.

Os preços do tomate e da banana dispararam em relação a os outros produtos, e assim se tornaram não tão viáveis para os consumidores, pelo menos não em grande quantidade. Isso ocorreu também ocorreu na quitanda do Vando, onde ele afirmou que esses

preços subiram também pela escassez do produto, ou seja, tendo em pouca quantidade, podendo não atender toda uma demanda de uma cidade.



FOTO: Pesquisa *in loco* (Agosto de 2013)



FOTO: Pesquisa *in loco* (Agosto de 2013)

FOTOS 35 - 36: Frutas e verduras vendidas na Quitanda de Vando, Bananeiras – PB

Sendo assim, o quilo do tomate que geralmente custa em torno de R\$ 3,00, durante a escassez, passou para \$R 6,00. Já a banana que, custa 20 centavos, a unidade, durante a escassez, chegou a custar 40 centavos. Mas o proprietário explicou que, apesar do aumento do preço, não houve uma queda extraordinária nas compras, nada que seja visto como prejuízo.

4.2.2 Apresentação dos resultados dos trabalhos pelas equipes

Após a realização da pesquisa de campo e da elaboração dos relatórios, as equipes apresentaram os seus resultados em sala de aula, através de slides. Nas apresentações, os alunos tiveram a oportunidade de expor as atividades agrícolas e pecuárias que são desenvolvidas em cada localidade, mostrando assim a atual realidade e/ou dificuldades enfrentadas pelo homem do campo.

As apresentações contaram com a participação 56 alunos, distribuídos em 14 equipes, de acordo com a localidade que residiam, sendo que os alunos que residiam na zona urbana, ficaram encarregados de pesquisar os produtos agrícolas que são vendidos em algumas quitandas da cidade de Bananeiras – PB.



FONTE: Pesquisa *in loco* (Setembro de 2013)

FOTO 37: Apresentação do grupo B, na sala de aula, EEEFM José Rocha Sobrinho, Bananeiras – PB



FONTE: Pesquisa *in loco* (Setembro de 2013)

FOTO 38: Apresentação do grupo M, na sala de aula, EEEFM Jose Rocha Sobrinho, Bananeiras – PB

Através da exposição de imagens, tabelas, quadros, os alunos demonstraram segurança ao apresentar a pesquisa, na sala de aula, e assim puderam expor o conhecimento que adquiriram durante a pesquisa de campo, como algumas características dos agricultores, das localidades, dos tipos de lavouras até o destino final de sua produção agropecuária. Assim como destacou uma equipe de alunos do sítio Lagoa de Matias:

“Com esta pesquisa concluímos que apesar de cada vez menos pessoas trabalharem na agricultura, o papel do pequeno produtor rural na nossa região é de suma importância, tanto para a cultura quanto para o comércio local. Saber as técnicas e os períodos de plantio e colheita é um dom de poucos e que deve ser reconhecido por todos, pois a nossa alimentação diária depende dessa sequência passada de pai para filho. A agricultura foi e sempre será uma cultura essencial para o homem moderno ou contemporâneo.” (Grupo M)

Depois dessa etapa, os alunos foram orientados a elaborarem os painéis e as comidas típicas que, em seguida, seriam expostos na culminância, que foi realizada no pátio da escola e contou com a participação de todos os membros do projeto, que, a princípio ornamentaram e organizaram o pátio do colégio, com o objetivo de receber os outros componentes da escola (alunos, funcionários, professores e direção).

Na culminância, os alunos tiveram a oportunidade de expor, em forma de painéis, a pesquisa que cada equipe apresentou na sala de aula. Demonstraram também alguns produtos que foram pesquisaram nas lavouras, além de comidas típicas foram feitas pelos próprios

alunos com produtos agrícolas e que, em seguida, foram distribuídos para as pessoas que prestigiando a exposição.



FOTO: Pesquisa *in loco* (Setembro de 2013)



FOTO: Pesquisa *in loco* (Setembro de 2013)

FOTOS 39 - 40: Exposição de cartazes, produtos agrícolas e comidas típicas, realizadas pelos alunos durante a culminância do projeto – A agropecuária através do ensino de Geografia, no salão da EEEFM José Rocha Sobrinho, Bananeiras – PB

A culminância foi iniciada a partir da apresentação dos objetivos e justificativa do projeto, para que todos tivessem conhecimento de sua importância para a comunidade escolar. Em seguida, um membro de cada equipe foi chamado para comentar um pouco sobre a localidade que foi pesquisada e a importância da realização do projeto para os alunos.



FOTO: Pesquisa *in loco* (Setembro de 2013)



FOTO: Pesquisa *in loco* (Setembro de 2013)

FOTOS 41 - 42: Apresentação e depoimentos dos alunos realizados, durante a culminância do projeto – A agropecuária através do ensino de Geografia, no salão da EEEFM José Rocha Sobrinho, Bananeiras – PB

Desta forma, as equipes se apresentaram muito bem para a plateia, demonstrando o conhecimento e segurança sobre o assunto. Alguns alunos também aproveitaram para darem

depoimentos, dentre eles, a aluna da equipe B, que, com muita desenvoltura, concluiu as apresentações, afirmando que:

“Nós aprendemos com este projeto a importância da agropecuária para a sociedade, vimos também que a maioria dos entrevistados não tinha escolaridade, porque na época em que eram crianças, não tiveram a oportunidade de continuar os estudos, porque tinham que trabalhar para ajudar os pais na lavoura. Percebemos também, com a pesquisa, que a maioria sofreu com a seca, o que acabou prejudicando as lavouras e conseqüentemente a sua produção [...]”.
(T.S.S.)

Depois desse depoimento, as apresentações foram finalizadas para que, em seguida, todos tivessem a oportunidade de ver os bezerros que estavam no jardim da escola, criados na localidade do Sítio Bica do Salto, com muito orgulho, pelos alunos. Em seguida, todos tiveram a oportunidade de observar os painéis, alguns produtos agrícolas e degustar as comidas típicas feitas pelos alunos, como: peteca, pudim de milho, salada de frutas, canjica, pamonha, cocada, suco de frutas, torna de banana, bolo de batata, entre outros.



FOTO: Pesquisa *in loco* (Setembro de 2013)

FOTO 43: Exposição de bezerros pela equipe da localidade Bica do Gato, representando a pecuária, no dia da culminância do projeto – A agropecuária através do ensino de Geografia, na EEEFM José Rocha Sobrinho, Bananeiras – PB



FOTO: Pesquisa *in loco* (Setembro de 2013)

FOTO 44: Distribuição das comidas típicas realizadas pelas equipes durante a culminância do projeto – A agropecuária através do ensino de Geografia, na EEEFM José Rocha Sobrinho, Bananeiras – PB

4. 3 OPINIÃO DOS ALUNOS SOBRE O PROJETO E/OU A PESQUISA-AÇÃO

Para verificação da opinião dos alunos sobre o projeto, foi aplicado um questionário, que expõe uma abordagem quantitativa e qualitativa dos alunos com relação ao projeto – A agropecuária através do ensino de Geografia, que participaram.

Através da aplicação do questionário, percebe-se que nem todos os alunos participaram do projeto, isto foi verificado com a aplicação do questionário, que foi respondido por 65 alunos que fazem parte das turmas envolvidas no projeto, ou seja, ao serem questionados se participaram de todas as atividades no projeto, 9 responderam que não, principalmente da pesquisa de campo e a elaboração do relatório. Este fato se deve a algumas dificuldades enfrentadas por estes alunos, assim como afirmou uma aluna do 3º Ano E: “porque eu senti muitas dificuldades, a gente não tinha nem uma câmera para tirar fotos”.

Por isso, a análise dos dados é demonstrada com quem apenas participou de todas as etapas do projeto, ou seja, aqueles que se envolveram na pesquisa de campo nas comunidades, ao todo 56 alunos.

As respostas estão agrupadas em categorias, através de respostas subjetivas e em dados estatísticos para melhor compreensão dos dados. Desta forma, diante da convergência de algumas respostas, estão colocadas apenas as que se diferenciam, entendendo que as outras respostas estão completadas dessa forma.

Em uma das perguntas, os alunos foram questionados se realmente se identificaram com o projeto, apenas um aluno respondeu negativamente e afirmou o seguinte: “foi a minha primeira experiência de fazer um projeto, nunca tinha passado por isso”, enquanto que 96% responderam que sim, afirmando que aprenderam mais com a pesquisa e justificaram de várias maneiras:

“porque já moro na zona rural e tudo ficou mais fácil” (Aluna do grupo N).

“gostei muito do projeto, ensinou um pouco mais do que aprendemos na sala de aula”. (Aluno do grupo M)

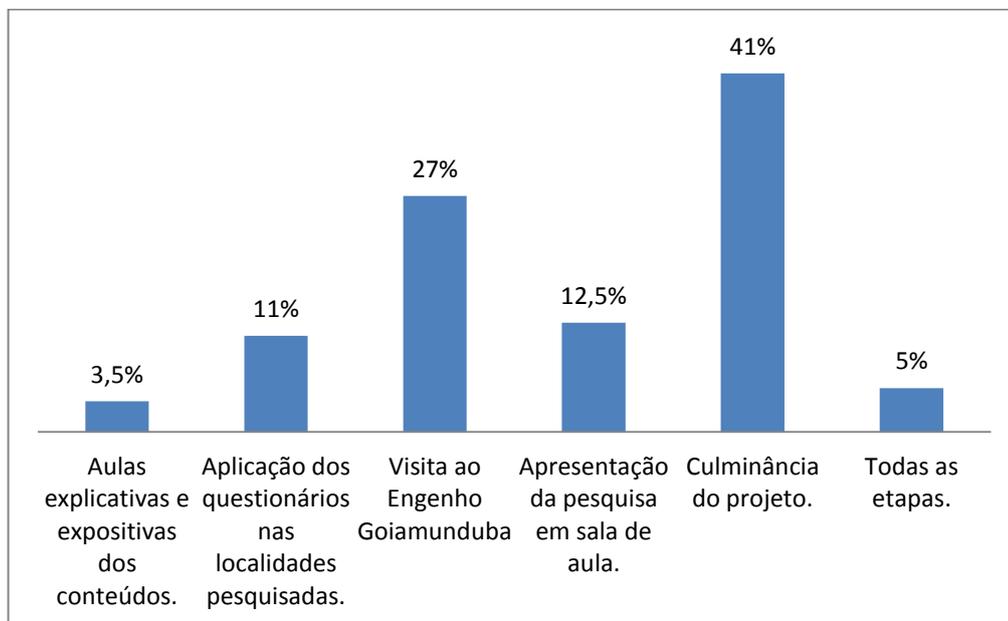
“porque com o projeto podemos conhecer mais a agricultura e as pessoas que vivem dela”. (Aluna do grupo O)

“porque eu acompanho meus pais trabalhando na agricultura”. (Aluna do grupo J)

“porque é sempre bom aprender um pouco mais sobre o lugar onde vivemos e os lugares mais próximos”. (Aluna do grupo F)

Ao serem questionados a respeito da etapa que mais gostaram, 41% dos alunos assinalou a culminância, 27% respondeu que foi a visita ao Engenho, 12,5% gostaram de apresentar a pesquisa em sala de aula, 11% gostaria de aplicar o questionário na zona rural, enquanto que 5% gostara de todas as etapas.

GRÁFICO 03: Turma 3º Ano E, F, G: Etapa do projeto – A agropecuária através do ensino de Geografia – que os alunos mais gostaram. Bananeiras – PB



Fonte: Pesquisa *in loco* (Outubro de 2013).

Ao marcarem as alternativas, os alunos justificaram de várias maneiras, demonstrando os motivos que levaram a gostar de cada etapa, dentre eles:

“gostei da culminância porque foi onde cada um pode desfrutar do trabalho do outro e aprender sobre cada um deles” (Aluna do grupo N).

“gostei mais da culminância porque pudemos mostrar o trabalho realizado com muito esforço (...)” (Aluna do grupo F).

“gostei mais da visita ao Engenho porque pude observar como era feito o processo da cachaça, desde a plantação da cana até a embalagem do produto” (Aluno do grupo N).

“a visita ao engenho foi o máximo, além de ver todas as etapas, aprendemos a valorizar a nossa localidade e suas belezas naturais” (Aluna do grupo I).

“a visita ao Engenho de Goiamunduba, eu achei muito interessante, porque eles não sujam e utilizam a lenha para queimar, usam o próprio bagaço da cana para isso” (Aluno do grupo N).

“a apresentação da pesquisa em sala de aula, porque foram vários tipos de localidades pesquisadas e foi muito interessante conhecer cada uma” (Aluna do grupo E).

“a aplicação dos questionários, porque pudemos conhecer através das pesquisas a vida do agricultor e como é feito o plantio manualmente” (Aluno do grupo L).

“porque pelo questionário pudemos mostrar que até hoje existem pessoas que trabalham na agricultura, seja idosos ou novos, mas hoje em dia a maioria dos que trabalham na roça são pessoas mais velhas” (Aluna do grupo N).

“marquei todas as etapas porque foram bem feitas e explicadas, de acordo com o que estava na meta de aprendizagem”. (Aluna do grupo D)

“todas essas etapas foram ótimas, pois tive mais conhecimento, tanto de onde moro quanto no Engenho Goiamunduba”. (Aluna do grupo A).

Foi perguntado também para os alunos qual a etapa do projeto acharam mais difícil, de acordo com o gráfico, responderam que a elaboração do relatório foi a mais sentiram dificuldade, cerca de 41%, o que pode ser explicado em virtude da dificuldade que os mesmos tem em redigir textos.

“a elaboração do relatório foi complicada porque foi preciso refazer o relatório mais de uma vez”. (Aluna do grupo B)

“porque a gente começou a aprender mais, fazendo o relatório mesmo sendo corrigido várias vezes”. (Aluna do grupo F)

“porque não tenho muita habilidade em expressar tantas informações”. (Aluna do grupo E)

Já 20% dos alunos responderam que a etapa mais difícil foi a apresentação da pesquisa, onde a maioria justificou a timidez em se expor para os demais alunos da turma, assim como esclarece alguns alunos:

“porque eu fico um pouco envergonhada nas apresentações, mas mesmo assim eu apresentei”.
(Aluna do grupo B)

“porque tivemos que falar todos os detalhes sobre o assunto pesquisado”. (Aluno do grupo M)

Já 18% acharam a aplicação dos questionários como a etapa mais difícil e alguns justificaram sobre a dificuldade locomoção nas comunidades pesquisadas e a dificuldade que alguns agricultores apresentaram na hora de responder as perguntas, assim como alguns alunos destacam:

“muitas famílias residiam em lugares da zona rural que era muito complicado para ir até lá”.
(Aluno do grupo L)

“porque tivemos que nos deslocar para as comunidades e aplicar os questionários com os trabalhadores, que no meu caso, tiveram dificuldade para responder”. (Aluno do grupo E)

“porque teve localidades pesquisadas que os donos não sabiam dar todas as respostas por causa do baixo grau de escolaridade” (Aluna do grupo E).

Também 18% dos alunos consideraram as aulas teóricas como a etapa mais cansativa, isto porque, segundo eles:

“o entendimento acerca do assunto é necessário para elaboração de todo um projeto, mas não foi a mais difícil e sim o mais cansativo”. (Aluno do grupo I)

“no começo as aulas se tornaram cansativas, mas serviu para o projeto ficar perfeito”. (Aluna do grupo I)

GRÁFICO 04: Turma 3º Ano E, F, G: Etapa do projeto – A agropecuária através do ensino de Geografia – que os alunos mais sentiram dificuldade. Bananeiras – PB



Fonte: Pesquisa *in loco* (Outubro de 2013).

Os alunos também foram questionados se passaram a valorizar mais as atividades do homem do campo após a participação no projeto e 98% assinalou que sim, enquanto que 2%, não. Assim, percebe-se que o objetivo do projeto foi atingido, através de algumas justificativas:

“porque é através dele que temos o alimento em nossa casa, tudo vem do seu esforço”. (Aluna do grupo E)

“porque são homens de bom caráter, que tiram da terra o seu próprio alimento”. (Aluno do grupo E)

“porque através o projeto deu para entender, conhecer mais de onde vêm os alimentos”. (Aluna do grupo G)

Foi perguntado também se achavam mais fácil a abordagem dos conteúdos a partir da metodologia de projeto e 98% afirmou que sim, enquanto que apenas 2% responde não. De acordo com alguns alunos que disseram sim, justificaram da seguinte maneira:

“porque foi uma ótima maneira de aprendermos e nos divertirmos” (Aluno do grupo H)

“com, certeza, porque foi com o projeto que adquirimos mais conhecimentos do que na sala de aula” (Aluna do grupo I)

“o interesse fica mais aguçado para projetos, assim ficamos mais interessados” (Danieverllyn) “aprendemos mais e tivemos mais contato um com o outro, através do trabalho em equipe” (Aluna do grupo I)

“a prática sempre ensina mais que a teoria” (Aluna do grupo B)

Foi questionado se os alunos achavam que todos os conteúdos do plano de curso deveriam ser trabalhados através da metodologia de projetos e 84% respondeu que sim, enquanto que 15% responderam que não e justificaram da seguinte maneira:

“o aluno se envolve mais com o conteúdo aplicado” (Aluna do grupo C)

“porque se aprende mais e o aluno se envolve, se interessa por inteiro tanto ao conteúdo quanto ao projeto” (Aluna do grupo B)

“seriam aulas mais interessantes, pois eu gosto quando tem aula fora da sala de aula” (Aluno do grupo N)

“não, porque seria muito cansativo e desgastante” (Aluno do grupo J)

“não, porque iria ficar chato só projeto, mas de vez em quando é muito bom” (Aluno do grupo E)

Os entrevistados também elaboraram uma produção de texto para expor a sua opinião ou dar um depoimento sobre as atividades que foram realizadas durante o projeto e sua importância para o ensino e aprendizagem nas aulas de Geografia. No entanto, destacamos aqui apenas algumas delas.

“Nesse projeto foi visto coisas que podem passar despercebido por muitos, mas que são de grande importância. Foi visto e estudado as formas de cultivo que são utilizadas pelos trabalhadores. Foi pesquisado também sobre a família dos trabalhadores e como eles vivem no campo. Portanto, esse projeto veio para esclarecer o quão importante é o trabalhador rural para a vida dos moradores da zona urbana e para nos ensinar a não menosprezar esses que nos garantem nosso alimento” (Aluno do grupo E)

“O projeto para mim foi ótimo, pois foi através dele que passamos a entender mais sobre a agricultura. Aprendemos também que o agricultor vive muito feliz, trabalhando no campo [...]” (Aluna do grupo J).

“Com esse projeto pudemos ver como o trabalho na agricultura é importante, porque se não fossem os agricultores, a gente não teria verduras, legumes, frutas nas quitandas e nas feiras. Com o projeto, aprendi que para se ter uma boa colheita, devemos plantar no período certo e favorecer um bom trabalho para que tudo ocorra bem com a plantação” (Aluno do grupo D).

“Bom! Com esse projeto, aprendemos a valorizar a vida do homem do campo e dos produtos que eles cultivam. O projeto foi interessante para que os alunos se reunissem e trabalhassem em equipe, nos aproximou mais um dos outros. Com a pesquisa de campo, foi destacada a agricultura, a pecuária e outras atividades. Sem contar que a professora se esforçou muito para o projeto dar certo” (Aluna do grupo C).

“Através desse projeto aprendemos grandes informações, passamos por novas experiências aqui na nossa escola. Para alguns foi uma grande dificuldade de compreender esse projeto e para outros foi exclusivamente fácil, principalmente para o pessoal da zona rural. A agropecuária através do ensino de Geografia nos dá a oportunidade de pensar e refletir sobre esse assunto, ou seja, a agropecuária transmitida em nossa sociedade”. (Aluno do grupo E)

4.4. OPINIÃO E/OU AVALIAÇÃO DOS PROFESSORES COM RELAÇÃO AO PROJETO

A partir da aplicação de um questionário avaliativo, alguns professores de outras disciplinas puderam expor sua opinião com relação ao projeto. Desta forma, para preservar a identidade destes profissionais, enumeramos cada um de acordo com sua disciplina, por exemplo, o professor de Português se refere ao número 1, o professor de Química ao número 2, o professor de Filosofia ao número 3, o professor de História ao número 4, o professor de Matemática ao número 5, a funcionária ao número 6 e o professor de Sociologia número 7.

Então, a partir da aplicação dos questionários, percebe-se que os entrevistados participaram de etapas como: a aplicação dos questionários e pesquisa de campo nas localidades, visita ao Engenho Goiamunduba e a culminância, que envolveu todos os entrevistados.

Ao perguntar aos professores se os mesmos se identificaram com o projeto, todos responderam que sim, a número 1 justificou que se identificou “porque a maioria dos nossos

alunos reside ou tem parentes vinculados a terra”. Foi perguntado também para os professores se os mesmos passaram a valorizar mais as atividades do homem do campo e a resposta sim foi unânime. Segundo a opinião do número 2, “moramos em um município que depende muito da economia rural e é de fundamental importância o esclarecimento dos mesmos para melhorar suas condições de trabalho e desenvolvimento”.

Já a respeito do que acharam do projeto, 6 professores responderam que foi ótimo, enquanto que 2 responderam que foi bom. O professor número 2 ainda afirma que o projeto “possibilita aos alunos uma maior compreensão sobre a importância e as necessidades da agricultura local”. Já a professora 1 afirmou que o projeto “ajudou a valorizar as atividades agrícolas, associando-as como fonte de renda e sua participação no setor primário da sociedade”.

Com relação ao questionamento sobre se passou a valorizar mais as atividades do homem do campo depois do projeto, todos os professores responderam que sim. Ao justificar a sua resposta, o número 6 afirmou que “após o projeto, passei não só a valorizar mais as atividades do homem do campo, mas também a conhecer melhor todo esse trabalho”. Já o número 4 justificou que “vendo a apresentação do projeto, o aprendizado e empolgação do alunado, sim”.

Foi questionado também para os professores qual a impressão que os mesmos tiveram a respeito do alunado durante o projeto, onde 4 responderam que foi ótima e outros 4 disseram que foi boa. Ao justificar a sua resposta, o professor 3 afirmou que “todos participaram com muita clareza e segurança do assunto”. Já o professor 2 afirma que os alunos “participaram ativamente da coleta de dados, realização e execução do projeto”, enquanto que a professora 7 justificou que “o empenho e interesse ficou impresso nos trabalhos apresentados e na própria cultura dos alunos que vivem no campo”.

Com relação à opinião dos entrevistados com relação ao projeto, a funcionária 6 afirmou que “O projeto ‘A agropecuária através do ensino de Geografia’ demonstrou, de certa forma, a importância do reconhecimento e da valorização em relação ao homem e a sua realidade na zona rural”.

Para a professora 1, “o projeto foi de primordial importância e coerência, pois motivou o aluno ao campo de pesquisa, ajudando a criar seu senso crítico pela observação dos fatos realizados, contribuindo com o fortalecimento de suas convicções”. E a professora 7

afirmou que o projeto foi “bem elaborado, com uma proposta séria sobre as atividades rurais. A professora afirmou ainda que, o projeto provocou uma quebra de paradigmas sobre a capacidade dos estudantes da parte da tarde. Tendo em vista que existe, de certa forma, preconceito quanto ao aluno da área rural”.

Ainda com relação à opinião dos entrevistados sobre o projeto, o professor 5 afirmou que:

“Trabalhar com a pedagogia de projeto é muito importante, pois leva o alunado a participar diretamente e aprender muito mais dos conteúdos trabalhados em sala de aula. Pois participei da visitação ao Engenho Goiamunduba e fiquei muito feliz com o interesse de cada um. Continue assim, professora, na sua prática pedagógica, trabalhando sempre que possível – projetos”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A agropecuária desempenha um papel de grande importância no cenário da economia nacional, pois foi uma das primeiras atividades econômicas a serem desenvolvidas no país. Teve um importante papel na ocupação do território brasileiro com a produção de cana-de-açúcar, posteriormente do café e, por fim, a pecuária, que conduziu o povoamento do interior.

Desta forma, com o intuito de mostrar a importância que as atividades agropecuárias têm para o Brasil e tentar modificar a percepção que muitos alunos tinham sobre a realidade do homem do campo e poder mostrar o seu valor para a sociedade, foi desenvolvido o projeto – A agropecuária através do ensino de Geografia, nas turmas do 3º Ano da tarde da EEEFM José Rocha Sobrinho, para que os alunos pudessem reconhecer, a partir da pesquisa-ação, as principais características das atividades agropecuárias desenvolvidas em algumas comunidades do município de Bananeiras – PB, levando em consideração, principalmente, a realidade vivenciada pelo homem do campo.

Através das atividades que foram desenvolvidas por cada equipe de alunos, pode-se observar que os participantes conseguiram se identificar com o tema abordado durante o projeto e que se engajaram, de fato, na pesquisa das comunidades rurais, através de entrevistas realizadas com os produtores e/ou agricultores, na elaboração e correção dos relatórios, que continham fotos, quadros, tabelas e informações riquíssimas sobre as localidades em que residem, além de pesquisarem sobre os produtos que eram plantados em cada lavoura.

Através das exposições orais realizadas em sala de aula sobre a pesquisa de cada equipe, os alunos demonstraram muita segurança sobre as informações que tinham coletado durante a pesquisa, contribuindo assim para o enriquecimento científico dos mesmos.

Pudemos observar também a capacidade criativa dos alunos, que se prontificaram em fazer os painéis e as comidas típicas na sua própria residência, para expor no dia da culminância, além da força de vontade que os mesmos tiveram ao se prontificar para organizar e ornamentar o pátio, o que chamou atenção de muitos componentes da escola. Percebe-se ainda que o projeto foi muito importante para que os alunos desenvolvesse pesquisa, criatividade e principalmente a união com os colegas, os quais foram demonstrados através de depoimentos realizados pelos próprios alunos durante a culminância.

Com este projeto, os alunos demonstraram que, de fato, os objetivos foram atingidos, pois os mesmos conseguiram demonstrar as principais características da agropecuária do município de Bananeiras – PB a partir da valorização do homem do campo, bem como também do alunado que vive na zona rural.

Portanto, pode-se afirmar que a pesquisa-ação é um instrumento valioso, ao qual qualquer professor pode recorrer com o intuito de melhorar o processo de ensino e aprendizagem, pelo menos no ambiente em que atua, pois o seu benefício está no fornecimento de subsídios para o ensino, uma vez que apresenta ao professor meios razoáveis para tomadas de decisões que possam ajudá-los a relacionar os conteúdos com a prática cotidiana dos alunos.

REFERÊNCIAS

BRITO, Fausto. **As migrações internas no Brasil:** um ensaio sobre os desafios teóricos recentes. Versão revista e ampliada do texto apresentado no Taller CELADE de Migracion Interna. Urbanização, metropolização e mobilidade espacial da população: um breve ensaio além dos números. Brasília, 2007.

CALDART, R. S. **Sobre educação do campo.** In: Coletânea de textos didáticos da Universidade Estadual da Paraíba. Governo da Paraíba. João Pessoa: União, 2012.

CHIZZOTTI, Antonio. **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais:** evolução e desafios. Revista portuguesa de Educação. Vol. 16. Portugal: Universidade do Minho Braga, pp. 221-236, 2003.

CPRM – **Serviço Geológico do Brasil:** Diagnóstico do Município de Bananeiras – PB, Recife, 2005 – 11 p.

DEÁK, C.; SCHIFFER, S. R. **O processo de urbanização no Brasil.** São Paulo: Universitária, 2004.

ENGEL, G. I. **Pesquisa-ação.** Universidade Federal do Paraná. Paraná: Educar em revista, 2000. Pp. 181-191.

FILIZOLA, R. **Didática da Geografia:** proposições metodológicas e conteúdos entrelaçados com a avaliação. Curitiba: Base, 2009.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2010.** Disponível em: <www.cidades.ibge.gov.br>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades.** Disponível em: <www.cidades.ibge.gov.br>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

MACHADO, N. J. **Educação:** Projetos e Valores. São Paulo: Escrituras, 2004.

MENEZES, I. G. **Valorização do rural versus valorização do camponês:** desenvolvimento, trabalho e cidadania. Revista Eletrônica, 2008. Disponível em: <www.insite.pro.br>. Acesso em: 27 Jul 2013.

PIMENTA, S. G. **Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências com a formação.** Educação e pesquisa, São Paulo, v. 03, n. 31, p. 521-539, 2005.

RAMIRO, M. R. R. **Condomínios residenciais e sua influência na dinâmica socioeconômica de Bananeiras – PB.** Universidade Estadual da Paraíba, 2012.

RODRIGUES, William Costa. **Metodologia Científica.** Paracambi: FAETEC/IST, 2007. Disponível em: <http://pesquisaeducacaoufrgs.pbworks.com/>. Acesso em: 10 Jan. 2014.

SACHS, Ignacy. **Brasil rural: da redescoberta a invenção.** Estudos Avançados, São Paulo, Dossiê Desenvolvimento Rural, v. 15, n. 43, set./dez. 2001. p. 75 – 82. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v15n43/v15n43a08.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2014.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos.** São Paulo; Editora da Universidade de São Paulo, 2008. 433 p.

SILVA, M. L. **Bananeiras: apanhados históricos.** João Pessoa: Sal da Terra, 2007.

TERENCE, A. C. F. ESCRIVÃO FILHO, E. **Abordagem quantitativa, qualitativa e a utilização da pesquisa-ação nos estudos organizacionais.** Fortaleza – CE: XXVI ENEGEP, 2006.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Urbanização e ruralidade: relações entre a pequena cidade e o mundo rural: estudo preliminar sobre os pequenos municípios em Pernambuco.** Recife: UFPE, 2001.

KAGEYAMA, Angela. **Desenvolvimento Rural: Conceito e Medida.** Cadernos de Ciência & Tecnologia, Brasília, v. 21, n. 3, p. 379-408, set./dez. 2004.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO APLICADO ANTES DO PROJETO – A AGROPECUÁRIA ATRAVÉS DO ENSINO DE GEOGRAFIA, PARA VERIFICAR ALGUMAS INFORMAÇÕES SOBRE OS ALUNOS DO 3º ANO E, F, G DA EEEFM JOSÉ ROCHA SOBRINHO

1. Nome: _____ Idade: _____

2. Série: _____ Turma: _____ Turno: _____

3. Município: _____

4. Reside na: () Zona rural () Zona urbana

5. Se você reside na zona rural, responda as questões a seguir:

5.1. A sua localidade pertence a qual distrito? _____

5.2. Qual o sítio em que você mora? _____

5.3. Gosta de morar na zona rural? () Sim () Não

Justifique: _____

5.4. Os seus pais trabalham: () No campo () Na cidade

5.5. Os seus pais participam de atividades ligadas a:

() Agricultura () Pecuária () Agropecuária () Outro

5.6. Você ajuda seus pais na lavoura? () Sim () Não

5.7. Gosta de trabalhar no campo? () Sim () Não

5.8. Existe outra atividade que é realizada na localidade em que mora?

() Sim () Não Qual? _____

5.9. Já sofreu algum tipo de preconceito por residir na zona rural?

() Sim () Não

5.10. Pretende permanecer no campo após terminar o Ensino Médio e/ou a Universidade? () Sim () Não

Justifique: _____

5.11. Pretende fazer um curso superior que permita a sua permanência na zona rural?

() Sim Não

Justifique: _____

5.12. Qual a sua visão do homem do campo e do lugar em que vive?

5.13. Qual é a visão que você tem da zona urbana?

6. Se você mora na zona urbana, responda:

6.1. Tem vontade de residir na zona rural? () Sim () Não

Justifique: _____

6.2. Qual a ideia que você tem sobre o homem do campo e do espaço rural?

**QUESTIONÁRIO APLICADO PELOS ALUNOS NAS LOCALIDADES RURAIS DO
MUNICÍPIO DE BANANEIRAS – PB**

Entrevistado:
Idade:
Estado Civil:
Nº de filhos:
End.:
Profissão:
Grau de escolaridade:
Reside na localidade há quanto tempo?
Trabalha no campo há quanto tempo?
Gosta de trabalhar no campo? Por quê?
Qual o tipo de relação entre o proprietário das terras e os empregados?
Sua família ajuda no trabalho do campo?
Quais dificuldades os agricultores enfrentaram nos últimos anos? Justifique.
Quais lavouras foram mais prejudicadas pela seca?
As dificuldades enfrentadas pela seca foram superadas?
Recebe alguma ajuda financeira do governo federal?
Quais são os benefícios em morar na zona rural?
Quais são os maiores problemas enfrentados pelos pequenos agricultores e moradores da zona rural atualmente?
De acordo com a sua opinião, qual a importância do homem do campo para a sociedade?

**QUESTIONÁRIO APLICADO PELOS ALUNOS NAS LOCALIDADES RURAIS DO
MUNICÍPIO DE BANANEIRAS – PB**

Município:			
Distrito:			
Localidade			
Tamanho da propriedade:			
Quantas pessoas e ou/ famílias moram na localidade?			
Todas Trabalham no campo?			
Tipo de propriedade:	a) Minifúndio	b) Pequena propriedade	
c) Média propriedade	d) Grande propriedade	e) Assentamento	
Lavouras existentes nas propriedades:			
As lavouras são:	a) comerciais	b) de subsistência	
Sistemas agrários utilizados:			
Lavouras permanentes:			
Lavouras temporárias:			
Tem agricultura orgânica?	a) Sim	b) Não	
Sistemas agrários utilizados:			
Mão de obra é:	a) familiar	b) contrata	c) assalariada
Tipo de relação entre o proprietário e o produtor:			
a) arrendamento	b) parceria	c) familiar	d) outro
Qual o maior problema enfrentado atualmente nas propriedades agrícolas e/ou no campo?			

**QUESTIONÁRIO APLICADO NAS COMUNIDADES RURAIS SOBRE AS
PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DAS LAVOURAS
PESQUISADAS PELOS ALUNOS**

TIPO DE LAVOURA:	CARACTERÍSTICAS
A lavoura é temporária ou permanente?	
Quantas vezes essa cultura é plantada por ano? E Quais o/ou os períodos?	
Qual é o mês do plantio?	
Qual é o período entre o plantio e a colheita?	
A produção é destinada para o comércio ou subsistência?	
Utiliza fertilizantes agrícolas? Qual? Por quê?	
Utiliza herbicidas na lavoura? Qual? Por quê?	
Qual o destino dessa produção?	
Observações:	

**QUESTIONÁRIO APLICADO PELOS ALUNOS DURANTE O PROJETO EM
ALGUMAS QUITANDAS DO MUNICÍPIO DE BANANEIRAS – PB**

PERGUNTAS	RESPOSTA
Tipo de comércio:	
Há quanto tempo é feirante?	
Quais produtos são vendidos?	
Qual é o produto mais vendido? Por quê?	
Onde são produzidos?	
Os produtos são adquiridos através de atravessadores, produtores ou é você mesmo quem produz?	
Quais produtos ficaram mais caros nos últimos meses? Por quê? Houve algum prejuízo?	

QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS ALUNOS DAS TURMAS DO 3º ANO E, F, G DA EEEFM JOSÉ ROCHA SOBRINHO SOBRE O PROJETO: A AGROPECUÁRIA ATRAVÉS DO ENSINO DE GEOGRAFIA

1. Nome: _____ Idade: _____

2. Reside na: a) Zona rural b) Zona urbana

3. Cidade: _____

4. Participou do projeto: a) Sim b) Não

Justifique:

5. Você se identificou com o projeto? a) Sim b) Não

Justifique:

6. O que achou do projeto?

a) Ótimo b) Bom c) Regular d) Ruim

Justifique:

7. Qual a etapa do projeto que você mais gostou?

- a) Aulas explicativas e expositivas sobre os assuntos teóricos.
- b) Aplicação dos questionários e pesquisa de campo nas localidades pesquisadas.
- c) Visita ao Engenho Goiamunduba.
- d) Apresentação da pesquisa em sala de aula.
- e) Culminância do projeto.

Justifique:

8. Qual a etapa do projeto que você achou mais difícil?

- a) Aulas teóricas em sala de aula.
- b) Aplicação dos questionários nas localidades pesquisadas.
- c) Elaboração do relatório sobre a pesquisa.
- d) Apresentação da pesquisa em sala de aula.
- e) Culminância do projeto.

Justifique:

9. Depois do projeto, você passou a valorizar mais as atividades do homem do campo?

a) Sim b) Não

Justifique:

QUESTIONÁRIO APLICADO COM ALGUNS PROFESSORES DA EEEFM JOSÉ ROCHA SOBRINHO SOBRE O PROJETO – A AGROPECUÁRIA ATRAVÉS DO ENSINO DE GEOGRAFIA

1. Nome: _____ Idade: _____
2. Disciplina: _____ Matrícula: _____
3. Reside na: a) Zona rural b) Zona urbana
4. Qual a etapa do projeto você participou de forma direta ou indireta?
- a) Aulas explicativas e expositivas dos assuntos.
- b) Aplicação dos questionários e pesquisa de campo nas localidades pesquisadas.
- c) Visita ao Engenho Goiãmunduba.
- d) Apresentação da pesquisa em sala de aula.
- e) Culminância do projeto.
5. Você se identificou com o projeto? a) Sim b) Não

Justifique:

6. O que achou do projeto?
- a) Ótimo b) Bom c) Regular d) Ruim

Justifique: _____

7. Depois do projeto, você passou a valorizar mais as atividades do homem do campo?
- a) Sim b) Não

Justifique: _____

8. Qual a impressão que você tem dos alunos sobre o projeto?
- a) Ótima b) Boa c) Ruim d) Péssima

Justifique:

9. Dê sua opinião sobre o projeto.
